

RESSALVA

Atendendo solicitação
do(a) autor(a), o texto completo
desta dissertação será
disponibilizado somente a partir de
28/03/2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CAMPUS DE FRANCA

ANA CAROLINA PICOLI SOTOCORNO

**A HISPÂNIA TARDO-ANTIGA SOB A ÓTICA TERRITORIAL: o conflito entre
judeus e cristãos nicenos nos anos de 388-423 da E.C.**

FRANCA-SP

2023

ANA CAROLINA PICOLI SOTOCORNO

**A HISPÂNIA TARDO-ANTIGA SOB A ÓTICA TERRITORIAL: o conflito entre
judeus e cristãos nicenos nos anos de 388-423 da E.C.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como requisito para a obtenção do título de Mestra em História e Cultura Política. Sob a supervisão da Prof.^a Dr.^a Margarida Maria de Carvalho (Departamento de História e Pós-graduação em História da Unesp/Franca).

FRANCA-SP

2023

S718h

Sotocorno, Ana Carolina Picoli

A HISPÂNIA TARDO-ANTIGA SOB A ÓTICA TERRITORIAL :
o conflito entre judeus e cristãos nicensos nos anos de 388-423 da E.C.

/ Ana Carolina Picoli Sotocorno. -- Franca, 2023

151 f. : fotos, mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca

Orientadora: Margarida Maria de Carvalho

1. Antiguidade Tardia. 2. Cristianismo. 3. Identidade. 4. Alteridade.
5. Aquisição de Território. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: A HISPÂNIA TARDO-ANTIGA SOB A ÓTICA TERRITORIAL: o conflito entre judeus e cristãos nicenos nos anos de 388-423 da E.C.

AUTORA: ANA CAROLINA PICOLI SOTOCORNO

ORIENTADORA: MARGARIDA MARIA DE CARVALHO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em História, área: História e Cultura pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. MARGARIDA MARIA DE CARVALHO (Participação Presencial)
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Professor Associado RENAN FRIGHETTO (Participação Presencial)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA

Profa. Dra. JANIRA FELICIANO POHLMANN CAVALCANTI (Participação Virtual)
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Franca, 28 de setembro de 2023

Maisa
Maisa Helena de Araújo
Assistente Administrativo II
Seção Téc. de Pós-graduação
UNESP/FCHS/Franca

Dedico este trabalho às mulheres acadêmicas: àquelas que me permitiram ocupar este espaço e às jovens cientistas, com a esperança de incentivá-las e vê-las sendo Mestres e Doutoradas.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar esta seção como as que se seguem neste trabalho, ou seja, refletindo, pois o processo de escrita desta Dissertação esteve profundamente conectado ao meu processo de autoconhecimento pessoal. É curioso notarmos como o pesquisador incorpora suas indagações internas em seu objeto de estudo. Trago aqui essas questões, porque escrever os agradecimentos deste trabalho é lidar também com as finitudes. Esse texto significa a finalização de nosso Mestrado, o que exige uma revisão de nossa trajetória.

Em primeiro lugar, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), devido ao apoio por meio de bolsa de estudos – com o Código de Financiamento 001.

Agradeço, principalmente, à minha querida orientadora, Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho, sem a qual este trabalho não seria possível. Destaco o espaço concedido para as mais profundas reflexões. Margô, obrigada pela orientação cuidadosa, paciente e incentivadora. Possuo profunda admiração pela pesquisadora e pela pessoa que você é. Sou grata também ao Prof. Dr. Renan Frighetto e à Profa. Dra. Janira Feliciano Pohlmann, membros de minha banca de qualificação e defesa. Aprendi muitíssimo com os comentários e sugestões concedidas por vocês.

Gostaria de agradecer aos membros do G.LEIR. Compartilhar os anseios e inseguranças da vida acadêmica com vocês foi extremamente reconfortante. Obrigada pelas reuniões de pesquisa, discussões e apoio. Estendo meus agradecimentos ao NEAM, primeiro grupo de pesquisa do qual fiz parte. Ter contato com a História Antiga e Medieval na graduação foi imprescindível para esta jornada.

Não poderia deixar de mencionar alguns professores que atravessaram a minha vida e, ainda que indiretamente, tiveram profundo impacto nas minhas escolhas profissionais. Primeiramente, agradeço à Profa. Lúcia, que me acompanhou desde os 10 anos de idade. Profa., sem as suas aulas e ensinamentos eu não seria quem eu sou hoje. Estendo a minha gratidão à Profa. Cristiane, que, durante o Ensino Médio, me incentivou a fazer parte da comunidade unespiana. Destaco também o Prof. Tiago, de filosofia e sociologia, que alimentou minhas dúvidas e questionamentos sobre a vida e sobre as ciências humanas.

Sou muito grata ao Prof. Dr. Ruy de Oliveira Andrade Filho, medievalista ímpar que teve a gentileza de me orientar durante o meu 1º ano de graduação e me apresentar o maravilhoso mundo da Antiguidade Tardia. Ruy, muito obrigada pelas nossas reuniões, pela cerveja com campari e pelo Concílio de Elvira, documentação pela qual tenho grande apreço

graças a você. Obrigada pelo incentivo. Também agradeço a Profa. Dra. Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi, que me orientou durante a Iniciação Científica e sempre me ouviu de forma acolhedora e incentivadora.

Alguns amigos se fizeram mais próximos nesta jornada. Queria agradecer especialmente ao Abner Alexandre Nogueira, à Bárbara Alexandre Aniceto e à Thaís de Almeida Rodrigues. O vínculo e as trocas com vocês potencializaram o meu existir na vida acadêmica e também fora dela. Agradeço, ainda, ao Victor Matheus Moura, pelos quase 10 anos de amizade e pelas conversas mais variadas possíveis. Victor, poder te ouvir e poder falar com você me faz realmente feliz. Deixo minha gratidão à Beatriz de Azevedo do Carmo, uma das minhas amigas e pesquisadoras preferidas. Lamento a distância que nos encontramos, mas tenho muito apreço por você se fazer tão presente, Bia. Lembro com muito carinho da companhia do Fábio Malvezzi, durante a graduação na Unesp de Assis, a quem sou extremamente grata e saudosa. Sem você, Fabs, eu não sobreviveria nem ao primeiro ano e muito menos a estadia nos “prédios verdes”. Não poderia deixar de citar a Nathália Franco de Lima, uma amiga recente que ocupou um espaço muito importante nos últimos meses. Nath, poucas pessoas no mundo me ouviram como você. Amo todos vocês, muito.

Por fim, agradeço aos meus pais, Elaine e Paulo, e ao meu irmão, Guilherme. Vocês foram fundamentais para que eu me tornasse mestre. Mais ainda, para que eu me tornasse humana. Obrigada pelo suporte e pelo cuidado incondicional. Obrigada por investirem na ciência brasileira através de mim. Agradeço também ao Giovani, que compartilhou comigo as dores e as alegrias dessa trajetória. Não poderia deixar de mencionar as minhas filhas de 4 patas, Leia e Toph, que me acompanharam na escrita, nas leituras e me fizeram companhia nas muitas madrugadas dedicadas a este trabalho. *Girls*, vocês são as criaturas mais puras que tive a chance de conhecer. Amo muito vocês!

Também agradeço, de forma simbólica, à jornada. Pois durante o Mestrado, aprendi a contemplar os processos sem ansiar unicamente pelos resultados.

Obrigada, obrigada e obrigada!

Se eu fosse antiquário só teria olhos para as coisas velhas. Mas sou um historiador. É por isso que amo a vida (Pirenne *apud* Bloch, 2001, p. 65).

RESUMO

Os séculos IV e V da Era Comum podem ser interpretados a partir de suas diversidades político-culturais. No tocante à religião cristã, este foi um período bastante conturbado pelo viés político-religioso: podemos afirmar a existência de variados tipos de cristianismos que requeriam para si o título de ortodoxo nesse período, bem como a existência de controvérsias e cismas teológicos envolvendo as diversas vertentes dissidentes desses credos cristãos. Inserimos nesse cenário as disputas territoriais entre os nicenos e os judeus na Hispânia, objeto desta pesquisa. Hipotetizamos que o quesito territorial refletia uma preocupação cristã, essencialmente nicena, em se autoafirmar na região a partir da construção de monumentos e da posse de bens imobiliários que era ameaçada pela presença de judeus na região. Para dar cabo de nossas análises, utilizar-se-ão as seguintes documentações textuais: a *Carta sobre a Conversão dos Judeus* (418) e o Livro VII da *História Contra os Pagãos* (416-417), de Paulo Orósio, o *Código Teodosiano* (séc. V) e as *Atas do Concílio de Elvira* (séc. IV). Temos em conta que as disputas territoriais entre os grupos em questão foram atravessadas diretamente por um conflito político-religioso mais amplo, envolvendo a situação dos nicenos ibéricos da época, assim como seus interesses e objetivos. Visamos explorar nesta Dissertação os conflitos materiais entre os cristãos nicenos e judeus, incluindo a tomada da sinagoga de Minorca, localizada na Província das Ilhas Baleares, e as questões simbólicas envolvidas nesse processo, bem como as noções de identidade e alteridade.

Palavras-chave: Judeus; Cristãos; Nicenos; Território; Alteridades; Identidades.

ABSTRACT

The 4th and 5th centuries of the Common Era can be interpreted through their political and cultural diversities. Regarding the Christian religion, this was a period greatly marked by political-religious biases: we can assert the existence of various forms of Christianity that claimed the title of orthodoxy during this period, as well as the existence of controversies and theological schisms involving the diverse dissenting branches of these Christian creeds. Within this scenario, we insert the territorial disputes between the Nicenes and the Jews in Hispania, the subject of this research. We hypothesize that the territorial aspect reflected a Christian concern, mainly Nicene, to assert itself in the region through the construction of monuments and ownership of real estate, which was threatened by the presence of Jews in the region. To carry out our analyses, we will use the following textual sources: the Letter on the Conversion of the Jews (418) and Book VII of History Against the Pagans (416-417) by Paulus Orosius, the Theodosian Code (5th century), and the Acts of the Council of Elvira (4th century). We acknowledge that the territorial disputes between the involved groups were directly influenced by a broader political-religious conflict, involving the situation of Iberian Nicenes of that time, as well as their interests and objectives. This Dissertation aims to explore the material conflicts between the Nicene Christians and Jews, including the seizure of the synagogue of Minorca, located in the Balearic Islands Province, and the symbolic issues involved in this process, as well as notions of identity and otherness.

Keywords: Jews; Christians; Nicenes; Territory; Alterities; Identities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da <i>Diocesis Hispaniarum</i>	72
Figura 2 – Assentamentos episcopais documentados durante os séculos IV e V.....	77
Figura 3 – Vestígio da presença judaica na Hispânia Balear.....	84
Figura 4 – As sedes episcopais e monastérios na Hispânia Balear.....	85
Figura 5 – Mapa atual que demonstra a localização de Elche.....	115
Figura 6 – Plantas da Basílica de Elche desenhadas por Ibarra Ruiz.....	116
Figura 7 – Plantas da Basílica de Elche desenhadas por Ibarra Ruiz.....	116

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – ENTRE O AUTOR E O TEXTO: REFLEXÕES ACERCA DO TRATAMENTO DOCUMENTAL	24
1.1 Conjunto de documentações textuais ligadas diretamente ao objeto	24
1.1.1 O <i>Código Teodosiano</i>	24
1.1.2 A <i>Carta sobre a Conversão dos Judeus</i> elaborada por Severo de Minorca	32
1.2 Conjunto de documentações textuais ligadas indiretamente ao objeto	39
1.2.1 A <i>História Contra os Pagãos</i> , de Paulo Orósio	39
1.2.2 As <i>Atas do Concílio de Elvira</i>	48
CAPÍTULO 2 - REFLEXÕES SOBRE O PODER IMPERIAL E O CONTEXTO POLÍTICO-CULTURAL HISPÂNICO DOS SÉCULOS IV E V	55
2.1 Reflexões acerca do poder, autoridade e administração imperial nos séculos IV e V	55
2.2 A organização Hispânica nos séculos IV e V: administração local, os bispados e suas relações com o poder imperial romano	68
2.3 A situação da Hispânia Baleárica nos séculos IV e V: realidade e organização local	82
CAPÍTULO 3 - OS NICENOS, OS JUDEUS E O QUESITO TERRITORIAL NA PROVÍNCIA DAS ILHAS BALEARES	91
3.1 Os nicenos, os outros cristanismos e os judeus na Hispânia tardo-antiga	92
3.2 Território e fronteiras judaico-cristãs	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
APÊNDICE A - CATÁLOGO DO <i>CORPUS</i> DOCUMENTAL	138
ANEXO A - FONTES UTILIZADAS POR PAULO ORÓSIO	150
ANEXO B - MAPA DA PENÍNSULA IBÉRICA (SÉCULO IV)	151

INTRODUÇÃO

As interações entre judeus e cristãos foram diversas durante o período da Antiguidade Tardia, principalmente se considerarmos toda a extensão territorial do Império Romano. Com isso em mente, acreditamos que cada configuração político-cultural, espacial e temporal produziu relações particulares e distintas envolvendo as comunidades judaicas e cristãs. Os variados intercâmbios e conflitos relacionados a esses grupos estiveram presentes em muitas documentações textuais do período, tais como narrativas de autores cristãos, crônicas, cartas, concílios eclesiásticos e leis romanas. Dentre uma miríade de possibilidades, nos ocupamos em analisar as contendas territoriais relativas a esses grupos político-religiosos na região hispânica entre os anos de 388 e 423 da Era Comum¹. Para a Dissertação que se segue, selecionamos o *Código Teodosiano*, a *Carta sobre a Conversão dos Judeus*, o Livro VII da obra *História Contra os Pagãos* e as *Atas do Concílio de Elvira* para integrar o nosso *corpus* documental.

As disputas estudadas por nós se inserem nas discussões relacionadas à Antiguidade Tardia e, antes de debatermos sobre essa conceituação, esclarecemos que esse período englobou uma série de eventos religiosos dos quais não conseguimos separar as esferas políticas das culturais. Margarida Maria de Carvalho, através dos seus estudos sobre o imperador Juliano (331 – 363), observou que a cultura deve ser compreendida como “um sistema de atitudes, modos de pensar e de agir de acordo com costumes e instituições, valores espirituais e materiais de uma dada sociedade” (Carvalho, 2010, p. 22). Nesse contexto, é necessário reconhecer que a religiosidade está intrinsecamente ligada às práticas culturais dos grupos sociais, e tais comportamentos são inseparáveis de suas ideias políticas. Logo, a Antiguidade Tardia deve ser concebida segundo um prisma político-cultural. Também acrescentamos que durante o período tardo-antigo, os líderes religiosos, como os autores estudados por nós, Paulo Orósio e Severo de Minorca, também desempenhavam funções políticas e sociais. Isto é, o cargo religioso nunca estava restrito somente ao ambiente eclesiástico, mas influenciava na configuração política de cada região. Em conformidade com Carvalho (2010), ao refletirmos quanto aos conflitos entre os cristãos nicenos e às demais vertentes do período, apontamos a existência de uma disputa que abrangia tanto interesses políticos quanto religiosos.

¹ Todas as datas mencionadas neste trabalho remetem à época posterior ao nascimento de Cristo, exceto quando devidamente apontado.

No tocante ao nosso recorte espacial (a região ibérica, em especial a Hispânia Balear)², podemos classificá-lo como um espaço que abrigava um emaranhado de grupos políticos concorrentes, que tendiam a ser diferenciados nas documentações da época a partir de termos étnicos (Kulikowski, 2006, p. 247). Entrepasto nesse contexto, o cristianismo niceno encontrava-se inserido em variados imbróglis de caráter político, filosófico e teológico com outros tipos de cristianismos, a exemplo daquele dos priscilianistas e arianos. Em busca de organização interna e consolidação, os cristianismos competiam entre si e travavam disputas com as demais religiões romanas e com as comunidades judaicas dentro do Império Romano. Com isso em vista, atinamos que havia uma preocupação por parte dos cristãos nicensos em reafirmar o seu poder político através de sua ocupação territorial e da construção de monumentos na Hispânia frente aos diversos cristianismos, como aquele dos priscilianistas, aos politeístas e aos judeus.

Assim sendo, temos como hipótese de trabalho a configuração de uma querela territorial entre os judeus e os cristãos nicensos ibéricos. Acreditamos que esses conflitos emergem a partir de um projeto de instalação da ortodoxia, requerida e almejada pelos nicensos, na Hispânia, o que, porventura, não se concretizou em virtude das ameaças judaicas à autonomia e ao controle territorial do cristianismo niceno na região ibérica. Consideramos que o quesito territorial perpassou um amplo conflito político-religioso, caracterizado pelas disputas por espaços físicos, pelas discussões em torno da formação dos bispados e da organização interna da religião cristã. De mais a mais, temos em conta que a busca pela afirmação de uma identidade nicena atravessou a delimitação do outro. Por conseguinte, afora as disputas territoriais, os judeus foram estigmatizados como não praticantes e não pertencentes ao cristianismo, além de serem responsabilizados e culpados por infortúnios experienciados por esse grupo religioso.

Gostaríamos de pontuar que, desde as nossas primeiras leituras documentais e bibliográficas, preocupamo-nos em definir um recorte que trouxesse debates pertinentes para a produção historiográfica atual. Esclarecemos, em primeiro lugar, que esta pesquisa foi amparada pelas concepções presentes no movimento historiográfico da Nova História Antiga. Conforme Norberto Luiz Guarinello (2013) nos comunicou, a Nova História Antiga tem em conta a reavaliação do passado a partir de reflexões relativas às identidades e alteridades, além

² Optamos por utilizar nesta Dissertação os termos Hispânia/hispânico/Ibéria e ibérico. Acreditamos que essa escolha melhor abrange as características da região e dos povos estudados por nós. O termo Península Ibérica, etimologicamente falando, exclui as regiões além dos atuais países de Portugal e Espanha, como Andorra, Gibraltar, Ilhas Baleares e uma pequena parte ao sul da França. Além disso, a divisão administrativa intitulada de *Diocesis Hispaniarum* não engloba todo o arco temporal de nossa pesquisa.

de um crescente interesse pela história regionalizada, opondo-se a uma produção tradicional e generalizante. Esse movimento incluiu em suas indagações, além das temáticas já citadas, as questões de gênero, a história dos subalternos, os estudos sobre os judaísmos e os cristianismos. Por esse viés, ao pensar nas relações entre cristãos nicenos e judeus ibéricos, nos preocupamos em explorar a realidade político-religiosa desses grupos de maneira regionalizada, priorizando as características individuais de nosso recorte temporal e espacial.

Incluimos às perspectivas trazidas pela Nova História Antiga às noções relativas ao conceito de Antiguidade Tardia. Entendemos que este é um conceito bastante complexo de se definir, cujas delimitações cronológicas e geográficas não são consensuais. Tendo isso em conta, gostaríamos de refletir sobre os significados e usos que envolvem a Antiguidade Tardia, uma vez que as documentações utilizadas por nós foram produzidas nesse período e as contendas territoriais entre cristãos nicenos e judeus ibéricos, que temos como objeto de pesquisa, também se inserem na contextualização de um Império Romano Tardio. Destacamos que a ideia de Antiguidade Tardia surgiu em oposição a termos relacionados, como queda ou declínio do Império Romano, por isso, a discussão dessa conceituação é bastante vasta. De acordo com Carlos Augusto Ribeiro Machado, a conceituação de Antiguidade Tardia tem sua origem calcada no início do século XIX através da obra *Die Spätantike Kunstindustrie*, de Alois Riegl. O historiador da arte alemão observou que, longe de ser decadente, a arte do final da Antiguidade poderia ser comparada e associada aos movimentos artísticos modernos (Machado, 2015, p. 84). Em consonância, Júlio César Magalhães de Oliveira afirmou que tal conceito foi formulado durante os séculos XIX e XX nos campos da História da Arte e da História das Religiões, em oposição à ideia renascentista e iluminista de uma decadência multissecular da sociedade romana (Oliveira, 2007, p. 124). A aparição, portanto, do termo *Spätantike* viabilizou interpretações que abrigam a ideia de continuidade.

No entanto, foi com a publicação de *The World of Late Antiquity: From Marcus Aurelius to Muhammad* em 1971, obra de Peter Brown, que as discussões sobre a Antiguidade Tardia ganharam maior destaque no campo da historiografia. Ao abordar a cidade do século IV, o autor destacou a persistência de grande parte da decoração pública clássica. Segundo o historiador irlandês, a Antiguidade Tardia englobou um mundo de longas tradições, que evoluiu lentamente e se reorganizou sem interromper totalmente o passado. Sua obra, traduzida do inglês livre e literalmente como *O Mundo da Antiguidade Tardia*, recebeu a tradução em Portugal de *O Fim do Mundo Clássico*, que é, curiosamente, o oposto do conteúdo explorado no texto, já que Brown leva em consideração a ideia de continuidade e discorda daquelas noções relacionadas ao declínio ou ruptura definitiva do Império Romano.

Poderíamos nos ocupar de uma longa discussão historiográfica sobre o tema, realizada e utilizada por inúmeros autores. No entanto, para além da definição de Antiguidade Tardia, gostaríamos de refletir sobre os seus usos e aplicações, pois é assim que esse conceito aparece em nossa Dissertação. Nesse sentido, ponderamos que, em nossa pesquisa, para além de uma Antiguidade Tardia, devemos nos deter em uma Antiguidade Tardia Ibérica. Em outros termos, pensamos que adotar o conceito de Antiguidade Tardia de forma ampla não abrange todas as realidades tardo-antigas existentes no Império Romano. À luz dessas reflexões, propomos o uso de Antiguidades Tardias: plurais, particulares e distintas. Em nossa visão, cada região geográfica do Império Romano experienciou de forma diferente esse ciclo, com configurações político-culturais específicas e periodização própria. Acreditamos, inclusive, que a ausência de consenso em relação aos recortes geográficos e temporais decorre da tentativa de homogeneizar esse conceito, uma vez que a investigação de cada região requer aplicar abordagens regionalizadas.

Nos dediquemos, portanto, à Antiguidade Tardia Ibérica. Em primeiro lugar, informamos que anteposto ao recorte hispânico, há a delimitação do período tardo-antigo no que concerne à própria divisão do Império Romano entre o Ocidente e o Oriente. Ao abordar esse tópico, Jean Michel-Carrié levantou questões sobre os estigmas que acompanharam e continuam a acompanhar os eventos político-culturais a partir do século III. Para o historiador francês, enquanto a historiografia foi dominada por ideias de crise e declínio, os avanços na pesquisa desse período foram bastante limitados. Isso se deve ao fato de que a adoção de uma perspectiva catastrofista como explicação central impedia a consideração de outras possibilidades para a compreensão desse momento histórico. No entanto, Carrié alertou sobre a importância de avaliar o papel desempenhado pelo século III na trajetória histórica do Império Romano. O autor argumentou que o século III não marcou o início de um declínio irreversível, destacando que os problemas que levaram ao fim do Império no Ocidente no século V são distintos daqueles enfrentados no século III, assim como são diferentes dos problemas que resultaram na contração do Império do Oriente, durante o reinado de Heráclio (575 – 641), no século VII (Carrié, 2021, p. 16, 23).

As crises do Império durante as décadas centrais do século III foram, portanto, seguidas pelo restabelecimento da situação no século IV, devido à concepção de um novo modelo de poder imperial característico da Antiguidade Tardia. Trata-se, ainda, do mesmo Império Romano, cujas bases não mudaram, mas cujos meios de funcionamento, ao contrário, foram amplamente renovados. A partir da Tetrarquia, profundas reformas alteraram várias características da história institucional, administrativa, militar e monetária romana. Esse

período também foi marcado, de Constantino (272 – 337) a Teodósio I (347 – 395), pela aproximação com o cristianismo. Por fim, para nos limitarmos às principais novidades do período tardo-antigo, há de se destacar que surgiram novas formas de contato e relacionamento entre a população do Mediterrâneo e os povos considerados periféricos, principalmente com os do norte, em bases completamente diferentes das do século III. Isso envolveu desde a admissão em massa de elementos bárbaros³ no território imperial até o estabelecimento de reinos bárbaros autônomos no Ocidente, como resposta à incapacidade política romana de integrar essas populações, que buscavam apenas seu lugar ao sol. Em suma, o século IV representou, sem dúvida, um novo começo e não apenas uma mera sobrevivência. No entanto, esse “novo Império” gradualmente foi criando suas próprias contradições, que poderiam ser superadas ou fatais, como evidenciado pelas diferentes trajetórias dos eventos no oriente e no ocidente (Carrié, 2021, p. 23-24).

Carrié (2021) demarcou o século V como o fim do Império Romano no Ocidente. Nos perguntamos, no entanto, se a Antiguidade Tardia ocidental se encerrou com a deposição do último imperador do Ocidente, Flávio Rômulo (461 – 512), em 476. Para abordar essa questão, voltemo-nos para o caso da Hispânia. Michael Kulikowski analisou tal período através de dados arqueológicos acerca dos espaços públicos romanos na própria Península Ibérica. O autor definiu como espaço público todo local com propósito social, simbólico e funcional e esclareceu que, muitas vezes, a historiografia baseou a cronologia da Antiguidade Clássica, Tardia e Idade Média a partir da desintegração da função social que um dia tornou esses espaços necessários. De acordo com o historiador estadunidense, nenhum novo modelo de urbanismo substituiu o romano clássico até o final do V ou meados do século VI. Somente então, as zonas intramuros das cidades ibéricas passaram a ser ocupadas por uma nova forma de construção monumental: os templos e as igrejas cristãs. Isso é um ponto relevante, pois nos indica que o culto cristão e o poder episcopal permaneceram limítrofes e extramuros até esse momento. Supõe-se que as primeiras igrejas cristãs na região fossem modestas, uma vez que estão localizadas nos cemitérios suburbanos onde os mártires eram enterrados e onde os cultos aos mártires eram atestados desde o século IV. No entanto, é muito marcante que, mesmo depois que o cristianismo passou a ocupar um papel central na vida dos hispano-romanos, seu local físico permaneceu fora dos antigos centros intramuros da vida

³ De acordo com Kulikowski, o uso do termo bárbaro é deliberado e certamente não pejorativo. Ele é preferido programaticamente ao substantivo alemão e ao adjetivo germânico. *Alemães e povos germânicos* são legados da filologia do século XIX. O uso do vocábulo bárbaro pressupõe comunidade e etnia com base na língua compartilhada (Kulikowski, 2002, p. 69). Em consonância com as ideias do autor, optamos pelo uso da palavra bárbaro em nossa Dissertação.

urbana, pelo menos por mais um século inteiro. Somente quando os antigos espaços públicos, templos e fóruns perderam todo o seu conteúdo social foi que as manifestações físicas da autoridade cristã passaram a ocupar espaços intramuros centrais (Kulikowski, 2007, p. 180).

Assim, em Tarragona, uma igreja episcopal e um palácio foram erguidos no cume da colina onde a cidade se situava. Esse local, em tempos passados, foi ocupado por um vasto recinto de culto imperial, cujas paredes foram derrubadas para dar lugar ao *episcopium*⁴. No entanto, essa construção ocorreu por volta do ano 500, meio século após o fim do governo imperial na Hispânia. Kulikowski questiona, então, qual dessas fases de mudança se decide tomar como linha divisória entre a Antiguidade Hispano-Romana e a Idade Média. Para o autor, essas divisões são, em certa medida, irrelevantes, especialmente se for preciso escolher entre os anos em que a forma pública antiga da cidade desapareceu e aqueles em que uma nova ordem urbana a substituiu. Mesmo que se desenvolva uma justificativa para escolher uma data em vez de outra, ainda existe o problema da imprecisão das datas arqueológicas, além do fato de que essas tendências gerais têm diferentes cronologias em diferentes partes da região ibérica (Kulikowski, 2007, p. 180-181).

Kulikowski argumentou que, independentemente disso, o importante a se notar é como os ritmos de mudança no urbanismo hispânico têm muito pouco a ver com a narrativa da história da região. Vejamos: técnicas arqueológicas modernas revisaram as datas do período de grande deterioração física na maioria das cidades ibéricas, colocando-o no final do século IV, em vez do III. Dessa forma, nem os movimentos bárbaros do século III, nem a reforma administrativa de Diocleciano na década de 290 podem ser colocadas em uma conexão causal imediata com o declínio da infraestrutura urbana observável no registro material. Quando esse declínio se torna visível, ele não corresponde a nenhum evento conhecido no registro histórico, nem a qualquer mudança institucional ou administrativa comprovada. Da mesma forma, o abandono dos foros imperiais em Tarragona e em outros lugares na década de 440 ocorreu cerca de vinte anos antes do desaparecimento dos últimos sinais de administração imperial na região ibérica. Para o historiador, tudo isso demonstra algo que sabemos, mas às vezes ignoramos em prol da simplicidade: abordagens diferentes do passado oferecem respostas e cronologias diferentes para questões de periodização. Ao considerar diferentes perspectivas e categorias de evidências em seus próprios termos, torna-se viável compará-las de forma contrastante, evitando introduzir circularidade no argumento. O registro arqueológico, por si só, confirma uma suspeita comum: o fim do Império Romano ocidental

⁴ Conforme apontado por Maureen C. Miller, o *episcopium* era um tipo de monumento que representava uma unidade fundamental entre o indivíduo, o poder e a residência do bispo (MILLER, 2000, p. 14).

foi apenas um efeito secundário de um processo muito mais amplo de transformação. No entanto, entender onde exatamente esse evento se encaixa nesse processo – se como causa, consequência ou algo intermediário – é uma questão que requer uma abordagem cuidadosa, ciente das limitações e potenciais das diferentes formas de evidência disponíveis (Kulikowski, 2007, p. 181).

Renan Frighetto, historiador hispanista brasileiro, interpretou o período da Antiguidade Tardia a partir do estabelecimento e da fixação dos reinos romano-bárbaros no interior dos territórios romanos ocidentais, a partir do século V. Para o autor, o desenvolvimento de pesquisas relacionadas ao conceito de Antiguidade Tardia, entabulam uma abordagem que centra seu foco em temas da História política. Isso porque, fundamentalmente, alguns elementos de natureza política e institucional são reincidentes entre os séculos II e VIII e podem ser entendidos como integradores de uma estrutura histórica comum àquele espaço geográfico que constituía o mundo greco-romano e, posteriormente, o romano-bárbaro. Os últimos herdaram a mesma lógica política do poder imperial romano, o que justifica essa continuidade ao longo do período em análise. De acordo com Frighetto, as ações políticas características dos imperadores romanos, bem como a partilha do poder e da autoridade do imperador, foram transmitidas a outros importantes agentes políticos que o substituíram ao longo do século V. Referimo-nos aos monarcas romano-bárbaros que ocuparam o espaço político e institucional deixado de forma paulatina pela figura imperial no momento do estabelecimento de seus *regna*, no ocidente romano. Em outros termos, podemos dizer que as estruturas políticas e institucionais dos reinos bárbaros estavam ligadas às já existentes no contexto do Império Romano. Esse estabelecimento foi a forma mais eficaz de aproximação e, conseqüentemente, legitimação do poder régio godo, que almejava se associar às tradições políticas romanas (Frighetto, 2013, p. 67-74; Frighetto, 2016, p. 7).

Concordamos com as proposições de Carrié (2021) na medida em que o autor definiu a Antiguidade Tardia como uma época de renovações, assim como quando Kulikowski (2007) afirmou que o fim do Império Romano ocidental é apenas um efeito secundário de um processo muito mais amplo de transformação. Também estamos de acordo com Frighetto (2013, 2016) quanto à interpretação das continuidades de elementos políticos romanos nos reinos bárbaros. Portanto, entendemos o período tardo-antigo hispânico através da manutenção da ordem imperial presente nas continuidades e transformações do ambiente político. Dessa forma, reiteramos que não há um rompimento definitivo, na Antiguidade Tardia, com as ações e práticas políticas imperiais. Isto é, a deposição do imperador em 476, no ocidente, não esgotou, nem extinguiu as características do Império Romano, que, por sua

vez, foram ressignificadas às novas realidades, elites e aos novos governantes. Embora não tenhamos a pretensão de estabelecer uma cronologia para a Antiguidade Tardia hispânica, aventamos que o recorte temporal desta pesquisa se insere no período tardo-antigo.

À vista dessas reflexões, esclarecemos que um dos nossos desafios foi perscrutar as documentações sob uma ótica contextualizada, capaz de conectá-las com as suas respectivas conjunturas de produção, compilação e transmissão. Para isso, temos em conta, além da própria conceituação de Antiguidade Tardia, que esta é uma linha historiográfica escrita no presente. Postulamos que as perquirições dos historiadores contemporâneos são responsáveis por ditar os recortes de pesquisa e a produção de novos conteúdos, por isso as pesquisas da área de História Antiga são produções atuais, vinculadas a debates contemporâneos. Em nosso caso, destacamos as reflexões relativas aos conflitos político-culturais, às identidades e às alteridades dos judeus e dos nicenos inseridos numa perspectiva regionalizada. É por esse motivo que optamos por trabalhar com as relações territoriais entre esses grupos no contexto regional da Hispânia.

Sendo assim, as nossas documentações representam e expõem as realidades político-religiosas experienciadas por esses povos. Não obstante, embora todas as obras com as quais lidamos tratem dos conflitos destacados, cada uma delas nos possibilita interagir com perspectivas diferentes, o que nos é muito caro. O *Código Teodosiano*, por exemplo, nos dá acesso ao ponto de vista imperial, além de viabilizar reflexões quanto às resoluções de conflitos entre os grupos referidos. Tanto a *Carta sobre a Conversão dos Judeus* quanto a obra de Paulo Orósio e as *Atas do Concílio de Elvira* são textos concentrados espacialmente na região ibérica, cujo mote se desenrola através dos discursos de líderes eclesiásticos. Nessa lógica, tais composições contêm importantes informações pertinentes às relações entre os cristãos nicenos e os judeus hispânicos, revelando-nos as contendas territoriais e identitárias entre eles. Os objetivos que cercam a produção desses textos podem ser elencados da seguinte forma: a sistematização das leis imperiais no *Código Teodosiano*; o interesse em marcar a suposta consolidação da vertente nicena como ortodoxa, na carta de Severo de Minorca; a defesa da *tempora christiana* e do credo niceno na narrativa orosiana e a regulamentação da socialização e das práticas religiosas dos ibéricos nas *Atas do Concílio de Elvira*.

Ressaltamos a defesa, por parte de Severo de Minorca e de Paulo Orósio, a favor da fé nicena. Todavia, destacamos que os judeus não foram a única preocupação desta vertente do cristianismo, durante os séculos IV e V, na região ibérica. Deparamo-nos também com as diferentes dissidências cristãs, tal qual o priscilianismo e o arianismo. A título de exemplo, por volta de 414, ao fugir das migrações bárbaras que assolavam a região peninsular, Paulo

Orósio viajou para a África e visitou Agostinho de Hipona com o intuito de informá-lo sobre a dimensão que a perspectiva prisciliana havia alcançado dentro da *ecclesia* hispânica. A *Carta sobre a Conversão dos Judeus*, por seu turno, situa o credo niceno num mundo povoado por judeus e politeístas (Bradbury, 1996, p. 62). Em vista disso, se Severo de Minorca e Paulo Orósio escrevem acerca dos judeus numa época teologicamente conturbada, isso nos indica que esse grupo ameaçava de alguma forma o predomínio da religião cristã na Hispânia. Na legislação imperial, os conflitos entre os grupos cristãos e os judeus se concentram na época posterior ao governo de Teodósio I. Entretanto, no território com o qual trabalhamos, notamos uma apreensão mais antiga na regulamentação das relações entre esses povos, verificada, aliás, desde o Concílio de Elvira.

Ao retomarmos os interesses políticos e religiosos que permeiam as nossas documentações, identificamos a construção da identidade por meio da alteridade como uma ideia basilar em prol da compreensão dos discursos presentes nos dois grupos que compõem o nosso *corpus* documental. Logo, pensamos ser pertinente adotar as considerações acerca das noções de identidade e alteridade como aporte teórico desta pesquisa. Por entender que tais conceituações são frutos dos interesses da historiografia atual, pontuamos que o historiador deve ter minuciosidade ao levar essas discussões para o passado. Por esse viés, demos prioridade às produções que propõem uma análise desses conceitos inseridos nas realidades político-culturais da História Antiga e da Antiguidade Tardia⁵. Elencamos, desse modo, principalmente, as coletâneas *Experiencing Rome Culture, Identity and Power in the Roman Empire* – organizada por Janet Huskinson (2000b) – e *Constructing identities in Late Antiquity* – reunida por Richard Miles (1999) –, em conjunto com a obra *O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*, de François Hartog (2014), para nos basearmos quanto às definições de identidade e alteridade.

Huskinson, Miles e Hartog partiram de diversos tipos de documentações, tanto textuais quanto materiais, para discutir as noções de identidade e alteridade. Esses autores mostraram de forma prática que é a partir da realidade político-cultural que podemos estabelecer reflexões quanto às identidades e alteridades, pois tais formulações não podem ser aplicadas se apoiadas somente na teoria. Segundo Huskinson, a identidade pode ser definida como uma forma de enquadramento de indivíduos e grupos sociais. Contudo, não se trata unicamente da maneira como os indivíduos se vêem, mas sim de como são vistos e lidos pelos outros (Huskinson, 2000a, p. 10). Nesse quesito, Miles (2000, p. 34) disse que “a identidade só pode ser representada através da comunicação”, isto é, ela está necessariamente ligada ao modo

⁵ Esclarecemos que esses estudos serão aplicados em maiores detalhes no Capítulo 3 desta Dissertação.

como falamos de nós mesmos e dos outros, algo que notamos também no *corpus* documental desta pesquisa. Miles acreditou que, além da identidade ser construída e mantida por meio da comunicação, o controle sobre e por intermédio da palavra escrita era um componente central do poder imperial (Miles, 2000, p. 60). Em conformidade com Huskinson, Hartog entendeu que o sujeito não percebe a si mesmo sozinho, e sim a partir da sua relação com o outro, ou seja, por meio da construção da alteridade. Também em consonância com Miles, ele afirmou que a identidade depende da comunicação e da linguagem (Hartog, 2014).

Apreendemos, portanto, o *Código Teodosiano*, a *Carta sobre a Conversão dos Judeus*, a *História Contra os Pagãos* e as *Atas do Concílio de Elvira* como discursos político-culturais. Por isso, escolhemos referenciais metodológicos que nos permitem estabelecer conexões entre tais documentações, os seus objetivos, conteúdos, contextos de produção e o nosso aporte teórico. A princípio, orientamo-nos para uma metodologia que nos auxiliasse na organização do nosso *corpus* documental e optamos pelo uso da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin. A autora definiu essa ideia como um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que podem ser aplicados a discursos extremamente diversificados. Ela dividiu esse referencial em três etapas: a) organização da análise, b) codificação e c) categorização (Bardin, 2011, p. 15). Nesta Dissertação, debruçar-nos-emos mais atentamente sobre a categorização, que consiste em organizar as documentações em grupos, considerando temas específicos, vocábulos e conceitos. A análise categorial se desenvolve em duas partes, a saber: as operações de desmembramento do texto em unidades e a criação de categorias para um reagrupamento analítico posterior. Em suma, a categorização proposta por Bardin configura um tratamento documental que procura organizar os dados internos das documentações elencadas mediante a confecção de catálogos.

Seguindo as etapas metodológicas de Bardin, selecionamos sete leis do *Código Teodosiano* (III, 7, 2; XVI, 8, 9; XVI, 8, 12; XVI, 8, 20; XVI, 8, 25; XVI, 8, 26 e XVI, 8, 27) e dez excertos da missiva escrita pelo bispo de Minorca, que remetem a disputas territoriais entre os cristãos nicenos e os judeus ibéricos, além de suas temáticas subjacentes, bem como casamentos, heranças e a destruição de sinagogas. Os trechos da *Carta sobre a Conversão dos Judeus* são: 3, 5, 6, 7, 8, 10, 13, 14, 19 e 30-31. Elegemos também oito trechos do Livro VII da *História Contra os Pagãos*, que contêm informações sobre a situação dos judeus no Império Romano e na Hispânia, além de apresentar vocábulos pejorativos quando o autor se refere aos grupos judaicos. Identificamos nesses trechos a projeção de questões territoriais coetâneas à realidade político-cultural de Paulo Orósio. São eles: VII, 3, 7-8; VII, 4, 16-17; VII, 5, 6-8; VII, 6, 14; VII, 9, 2-6; VII, 12, 6-8; VII, 13, 4-5 e VII, 27, 6. Por fim, definimos

quatro cânones das Atas do Concílio de Elvira que intentam regulamentar as relações e práticas sociais entre os cristãos e os judeus na região Hispânica no início do século IV, a saber: 16, 49, 50 e 78. Reforçamos que as documentações com as quais trabalhamos são plurais e pertencem a tipologias documentais diferentes.

Diante do exposto, dividimos nosso *corpus* documental em dois grupos. O primeiro deles, que nomeamos de *conjunto de documentações textuais ligadas diretamente ao objeto*, é constituído pelo *Código Teodosiano* e pela missiva escrita pelo bispo de Minorca em 418. O segundo grupo, que chamamos de *conjunto de documentações textuais ligadas indiretamente ao objeto*, é formado pelo Livro VII da obra *História Contra os Pagãos*, bem como pelas *Atas do Concílio de Elvira*. Realizamos a divisão, categorização e organização de nossas documentações textuais baseados em nosso objeto de estudo, ou seja, os conflitos territoriais judaico-cristãos. No que tange à posse territorial, os excertos da primeira categoria falam diretamente dos conflitos entre os cristãos nicenos e os judeus, e tratam de temas como os das propriedades e dos casamentos. Já o segundo conglomerado se refere a temas indiretamente conectados a tais conflitos, que esclarecem quanto à situação desses grupos na Hispânia e reforçam a nossa argumentação e hipótese de trabalho. No tocante aos nossos conjuntos documentais, partiremos do geral para o particular, isto é, das documentações que se referem ao Império Romano como um todo para aquelas que aludem a eventos locais da região ibérica. Dessarte, no *conjunto de documentações textuais ligadas diretamente ao objeto*, temos a legislação imperial cujas leis poderiam ter sido úteis ou não para as realidades regionais. Em contrapartida, a carta do bispo de Minorca narra eventos que ocorreram na região hispânica, especificamente nas Ilhas Baleares. No *conjunto de documentações textuais ligadas indiretamente ao objeto*, Paulo Orósio tem como mote escrever uma história generalista. Por outro lado, o Concílio de Elvira foi realizado no sul da Península Ibérica e tentou normatizar as práticas e as relações sociais entre os grupos existentes naquela região.

Finalizada a constituição do nosso *corpus* documental, empregamos os conceitos propostos por Pedro Paulo Abreu Funari no segundo capítulo da obra *Antiguidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos* (2003). O autor discorreu, no que tange aos aspectos externos e internos de uma documentação, sobre os que precisam ser levados em consideração pelo pesquisador. Citamos o resumo e a natureza do texto, o seu contexto histórico, a sua autoria, o levantamento de vocábulos específicos, as referências a outros eventos do passado e as menções a figuras políticas. Dessa forma, aspiramos inferir algumas informações acerca das nossas documentações, associando-as e identificando as semelhanças e diferenças entre as suas tipologias documentais, os seus contextos de confecção, as suas

transmissões e os objetivos dos seus autores. Elucidamos que a aplicação desse pressuposto metodológico foi utilizada nos Capítulos I desta Dissertação, quando efetuamos os tratamentos documentais, e II, para a contextualização político-cultural dos grupos de cristãos nicensos e judeus ibéricos (Funari, 2003).

Aplicamos, por fim, o referencial metodológico da Análise de Discurso Crítica de Norman Fairclough (2008), que consiste num estudo das dimensões discursivas apresentadas nas documentações. O linguista britânico defendeu que o discurso é, concomitantemente, um texto linguístico, uma prática discursiva e uma prática sócio-cultural. Para ele, a linguística se refere ao conteúdo presente nas mais diversas obras, a prática discursiva tange à produção e interpretação delas e a prática sócio-cultural alude aos contextos que permeiam os documentos, sejam eles políticos, ideológicos, econômicos ou religiosos. Posto isso, a Análise de Discurso Crítica desenvolvida por Fairclough consiste num referencial metodológico que busca conectar as práticas discursivas e as estruturas sociais. Por meio dela, conseguimos compreender os diferentes discursos presentes nas nossas documentações de forma articulada com as realidades político-culturais dos grupos de cristãos nicensos e judeus na Hispânia. Portanto, compreender como um documento é produzido e transmitido implica em vincularmos o seu discurso a tópicos como a produção e autoria, que exprimem os valores, as culturas e as identidades de grupos específicos. Haja vista, reconhecemos as dimensões discursivas de nossas documentações, assim como as analisamos a partir de seus respectivos contextos político-culturais de produção. Esclarecemos, ainda, que a Análise de Discurso Crítica empregada dialoga fundamentalmente com o nosso referencial teórico, uma vez que concebemos a identidade tendo em conta comunicação e a linguagem.

No tocante à estrutura desta Dissertação, dividimo-la em Introdução, Capítulos I, II e III e Considerações finais. No primeiro capítulo, ocupar-nos-emos de efetuar os tratamentos documentais das obras com as quais trabalhamos. Para isso, apresentaremos o conteúdo geral dos textos, a sua autoria e data de produção, a sua compilação e transmissão. Incluiremos tópicos relativos ao percurso transposto por essas obras até que elas chegassem ao nosso conhecimento, a sua tradição manuscrita, as informações editoriais, as traduções disponíveis, entre outros. No Capítulo 2, pronunciar-nos-emos sobre a organização do poder e a administração imperial na Hispânia e na região da Hispânia Baleárica durante o final do século IV e o início do século V. O capítulo está estruturado em três seções que seguem uma abordagem similar a organização do nosso *corpus* documental e o Capítulo 1, ou seja, uma análise que parte do geral para o particular. Quanto ao nosso último capítulo, temos a intenção de conduzir nossas análises. Nosso objetivo principal é articular as práticas discursivas

presentes em nosso *corpus* documental com as estruturas político-culturais do período em questão.

Em nossas Considerações Finais retomaremos os pontos principais expostos nos capítulos anteriores e reforçaremos os resultados obtidos com esta pesquisa. Em último lugar, levantaremos os problemas teóricos e bibliográficos que esta Dissertação tencionou responder. Um apêndice consta neste nosso trabalho: trata-se de nosso *corpus* documental categorizado e catalogado mediante a metodologia de Bardin. O leitor terá acesso a todas as passagens, traduzidas por nós, que compõem os conjuntos de documentações textuais ligadas diretamente e indiretamente ao nosso objeto de pesquisa. Desfrutamos também dos Anexos A e B. O primeiro deles refere-se às fontes literárias e filosóficas que Paulo Orósio faz alusão em sua obra, enquanto o segundo anexo retrata um mapa da divisão territorial hispânica em províncias durante o século IV.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta Dissertação, tivemos o propósito de compreender as razões que desencadearam o conflito territorial niceno-judaico na região ibérica, durante o período compreendido entre os anos de 388 e 423. Ao longo de nossas análises documentais, acuramos que o quesito territorial entre esses grupos perpassou um amplo conflito político-religioso, marcado por disputas por espaços físicos e debates acerca da constituição dos bispados, bem como a organização interna da fé cristã. Adiante, percebemos que a busca pela consolidação do credo niceno como ortodoxo atravessou também questões relacionadas às identidades e às alteridades. Por conseguinte, afora as disputas territoriais, os judeus foram estigmatizados como não praticantes e não pertencentes ao cristianismo. A esse grupo também foram impostas diversas regulamentações quanto à interação social com os cristãos na região hispânica, tais como casamentos mistos, banquetes compartilhados e outras.

Esclarecemos que esta seção não é vista como um compartilhamento de conclusões definitivas. Em nossa opinião, nenhum objeto de pesquisa está completamente concluído, mas sim sujeito a possíveis alterações, mediante outros estudos, ao longo do tempo. Entendemos que o olhar lançado pelo historiador ao passado pode produzir diferentes interpretações para um mesmo tópico de investigação, isso porque são as preocupações coetâneas dos pesquisadores que movem suas linhas de análise e pesquisas. Logo, as alterações presentes no campo historiográfico afetam profundamente o desenvolvimento das mais diversas produções acadêmicas. Quanto à área da Antiguidade, Carvalho e Funari nos transmitiram que a partir das décadas de 1980 e 1990 os historiadores antiquistas brasileiros acompanharam as mudanças historiográficas relacionadas à *Nouvelle Histoire* e ao advento da História Cultural. Dessa forma, os conflitos ocorridos na Antiguidade passam a ser analisados sob prismas mais arrojados, levando em conta, inclusive, o respeito pelo trato documental, sua datação e autoria, críticas internas e externas dos discursos e sua linguagem metafórica (Carvalho; Funari, 2007). Reforçamos, portanto, que esta Dissertação esteve calcada nos referenciais da Nova História Antiga.

Diante do exposto, antes de nos debruçarmos sobre os resultados obtidos por nós, importa revisitar o caminho percorrido ao longo dos capítulos deste trabalho. Acreditamos que a organização da nossa Dissertação permitiu uma sequência lógica de ideias que assegurou a análise adequada das documentações textuais realizada, principalmente, no Capítulo 3. Justificamos essa abordagem devido a atenção dada ao tratamento documental no Capítulo 1 e à contextualização político-cultural no Capítulo 2, os quais permitiram situar

nossas documentações em seus respectivos contextos de produção e circulação, enquanto também esclareceram a finalidade de redação dos textos que integram os nossos conjuntos documentais.

Retomemos, em primeiro lugar, as asserções quanto ao *conjunto de documentações diretamente ligadas ao objeto* e ao *conjunto de documentações indiretamente ligadas ao objeto*. Haja vista, localizamos o *Código Teodosiano* como um instrumento de manutenção do poder imperial. Tivemos como escopo, ao analisar esta legislação, contrapor a generalidade das leis com o seu cumprimento em eventos particulares. Em outras palavras, ao selecionarmos as leis que aludem ao conflito territorial niceno-judaico, procuramos investigar, sob uma ótica regionalizada, como as regulamentações eram experienciadas pelos grupos estudados por nós na Hispânia. Quanto à *Carta sobre a Conversão dos Judeus*, apontamos que o texto do bispo de Minorca pode ser interpretado como uma propaganda da política vigente na era teodosiana, que buscava, entre outras coisas, a unidade religiosa sob o cristianismo. Logo, entendemos que Severo procurou difundir a vertente cristã nicena através de sua narrativa, enquanto criticou grupos que pudessem interferir na consolidação do credo niceno como ortodoxo, tal qual os judeus. No que tange ao nosso segundo conjunto de documentações, temos em conta que a narrativa orosiana tem como mote convencer o leitor acerca da superioridade dos tempos cristãos. Paulo Orósio fundamentou sua obra em argumentos relacionados ao convencimento de que a ideia de um passado romano clássico como um tempo de glória e triunfo é equivocada. O presbítero advogou, ainda, a superioridade do cristianismo niceno. As *Atas Conciliares de Elvira*, por seu turno, podem ser descritas como uma tentativa de normatização das interações sociais e práticas religiosas dos cristãos ibéricos.

Ao longo de nosso trabalho, enfatizamos a fluidez e a diversificação na aplicação do poder imperial, reconhecendo também que a formação dos bispados não foi homogênea em todas as regiões do Império Romano. Especificamente na Hispânia, identificamos que os bispos possuíam maior liberdade de atuação, o que lhes permitia desempenhar um papel mais decisivo. Essa perspectiva está ancorada na própria estrutura político-administrativa da Ibéria, onde observamos a diminuta interferência e envolvimento do poder imperial na região, bem como a vasta extensão territorial que conferia aos bispos a capacidade de governar várias cidades. Por esse viés, ressaltamos nossa posição em relação a um cristianismo pluralizado no século IV e início do V. Não acreditamos na cristianização do Império Romano e advogamos a favor da ideia de um período bastante conturbado sob o viés político-religioso. Similarmente, destacamos que os conflitos entre os cristãos e os judeus, analisados por nós,

são atravessados por uma preocupação nicena em reafirmar o seu poder político através da ocupação territorial e da construção de monumentos na Hispânia.

Outrossim, identificamos em nossas documentações uma constante preocupação em delimitar a convivência entre cristãos e judeus, questões que se conectam às noções de identidade e alteridade. Entrevemos que o delineamento da identidade nicena, portanto, foi impulsionado por motivações político-religiosas: a preocupação desse grupo em regulamentar a realidade social ibérica, especificamente com os judeus, em nosso caso, vai ao encontro das contendas territoriais que os envolvia. Também ressaltamos que o território viabilizava a socialização entre esses grupos, logo percebemos um interesse na definição de fronteiras físicas e simbólicas, ou seja, do território propriamente dito e das relações sociais entre os grupos em questão. Em nossa análise, a motivação em diferenciar e difamar os judeus surgiu a partir da demanda territorial que passou a ser simbolizada por meio da alteridade nas narrativas de Orósio e do bispo de Minorca, principalmente.

No tocante às demandas territoriais, rememoramos também a substituição de sinagogas por templos cristãos. Quando sinagogas são substituídas por outros templos, a paisagem natural e construída é transformada. Ao erguer uma igreja cristã no local da antiga sinagoga, é gerada, com o monumento, uma memória da destruição e da substituição do templo judaico. Em vez de apagar completamente a sinagoga e sua história, a nova igreja preserva a lembrança desse lugar através da evidência de sua destruição. Portanto, o novo edifício se torna uma lembrança duradoura do triunfo cristão sobre o espaço que antes era ocupado pelos judeus. O relato contido na carta de Severo sobre a destruição da sinagoga e a construção de uma igreja cristã desempenha um papel crucial na legitimação de uma nova paisagem na Hispânia Balear, possivelmente em diversos aspectos, tanto para a população de Minorca como para aqueles que receberam a epístola em outras regiões. O relato atua, ainda, na construção da identidade do monumento e dos grupos que o frequentavam, o possuíam e o administravam.

Assim sendo, concebemos as disputas territoriais entre os judeus e os cristãos nicenos como uma querela motivada pela ameaça judaica à consolidação do credo niceno na região ibérica. Em nossa análise, a ameaça enfrentada pelos nicenos não provinha apenas do público judaico, mas também de outros grupos, inclusive cristãos, como os priscilianistas, arianos e politeístas. Os cristãos que professavam a fé nicena estavam envolvidos em muitas disputas em busca da consolidação dessa vertente cristã como ortodoxa. Logo, a questão territorial englobou disputas por espaços físicos relacionadas ao controle do poder político e religioso. Ressaltamos que, apesar de os judeus não disputarem o título de ortodoxia com nenhuma

vertente do cristianismo, esse grupo comprometia o desenvolvimento político-religioso dos nicenos na região ibérica, uma vez que identificamos na Hispânia, em especial nas Baleares, um domínio territorial majoritariamente controlado por judeus. Em suma, postulamos que a preocupação nicena em assegurar e reafirmar sua autoridade, levou à tentativa de diminuir o poder exercido pelos judeus, pois era esse grupo que impedia o controle territorial niceno na região e, por consequência, o controle político, administrativo e religioso frente aos judeus e aos outros tipos de cristianismos.

Ao ler e reler nossas documentações, nos deparamos com um universo complexo e imbricado. As disputas experienciadas pelos judeus e nicenos na região ibérica não estavam deslocadas de um amplo contexto político-cultural envolvendo esses grupos, suas realidades e interações no próprio Império Romano. Requeremos, então, que nosso objeto de estudo seja pensado e repensado, visualizando as diversidades, pluralidades, incoerências e contradições de seu tempo. Esperamos, desse modo, que nosso exame documental, amparado nas perspectivas da Nova História Antiga e nas noções de identidade e alteridade, tenha contribuído para a compreensão das intrincadas relações políticas e religiosas presentes na Hispânia dos séculos IV e V.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documentações

CONCILIO DE ELVIRA. *In:* VIVES, José (org.). Concilios Visigóticos e HispanoRomanos. Barcelona, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1963.

OROSIO, Paulo. **Historias.** Libros I-IV. Traducción y notas de Eustaquio Sánchez Salor. Madrid: Editorial Gredos, 1982a. (Biblioteca Clásica Gredos, 53).

OROSIO, Paulo. **Historias.** Libros V-VII. Traducción y notas de Eustaquio Sánchez Salor. Madrid: Editorial Gredos, 1982b. (Biblioteca Clásica Gredos, 54).

OROSIUS. **Seven Books of History against the Pagans.** Translated with an introduction and notes by A. T. Fear. Liverpool: University Press, 2010. (Translated Texts for Historians, 54).

SEVERO DE MENORCA. **La Circular del bisbe Sever de Menorca sobre la conversió dels jueus (418-2018).** Una crònica mediterrània abans de l'ocupació dels vàndals. Edició trilingüe del text de Josep Amengual i Batle. Menorca: Gràfiques Menorca, 2018.

SEVERUS OF MINORCA. **Letter on the Conversion of the Jews.** Edited and translated by Scott Bradbury. Oxford: Clarendon Press, 1996.

The Theodosian Code and Novels and The Sirmondian Constitutions. A Translation with Commentary, Glossary, and Bibliography by Clyde Pharr. *In:* Collaboration with Theresa Sherrer Davidson and Mary Brown Pharr. With an Introduction by C. Dickerman Williams. New York: Greenwood Press Publishers, 1952.

Obras Gerais

AMENGUAL I BATLE, Josep. **Judíos, Católicos y Herejes:** el microcosmos balear y tarraconense de Seuerus de Menorca, Consentius y Orosius (413-421). Granada: Editorial Universidad de Granada, 2008.

AMENGUAL I BATLE, Josep. Capítol I. Com ens ha arribat l'Epistula de conuersione iudaeorum apud Minoricam insulam meritis sancti Stephani facta. Anno 418. (Clavis Patrum Latinorum, núm. 576). *In:* SEVERO DE MENORCA. **La Circular del bisbe Sever de Menorca sobre la conversió dels jueus (418-2018).** Una crònica mediterrània abans de l'ocupació dels vàndals. Edició trilingüe del text de Josep Amengual i Batle. Menorca: Gràfiques Menorca, 2018a. p. 17-24.

AMENGUAL I BATLE, Josep. Capítol IV. La Circular del bisbe Sever: l'autor, l'autenticitat, la data dels esdeveniments i la data de la seva narració. *In:* SEVERO DE MENORCA. **La Circular del bisbe Sever de Menorca sobre la conversió dels jueus (418-2018).** Una crònica mediterrània abans de l'ocupació dels vàndals. Edició trilingüe del text de Josep Amengual i Batle. Menorca: Gràfiques Menorca, 2018b. p. 59-66.

AMENGUAL I BATLE, Josep; ORFILA, Margarita. Paganos, judíos y cristianos en las Baleares: documentos literarios y arqueológicos. **Ilu. Revista de Ciencias de las Religiones,**

Madrid, Anejo XVIII, p. 197-246, 2007. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/ILUR/article/view/ILUR0707230197A/26042>. Acesso em: 13 ago. 2023.

AMENGUAL I BATLE, Josep; ORFILA, Margarita. Paganos, judíos y cristianos en las Baleares: documentos literarios y arqueológicos. **Ilu. Revista de Ciencias de las Religiones**, v. XVIII, 2007, p. 197-246.

ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira. Ensaio Sobre a “Religiosidade Popular” na Hispania do Século IV: O Concílio de Elvira. **Revista Américas**, São Paulo, n. 2, p. 30-58, 1996.

ARCE, Javier. **El último siglo de la España romana**. Madrid: Alianza Editorial, 2009.

ARNAL, Willian E. Doxa, Heresy, and Self-Construction: The Pauline Ekklesiai and the Boundaries of Urban Identities. In: IRICINSCHI, Eduard; ZELLENTIN, Holger (eds.). **Heresy and Identity in Late Antiquity**. Texts and Studies in Ancient Judaism, 119. Tübingen: Mohr Siebeck, 2008. p. 50-101.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011 [1. ed. 1977].

BARENAS ALONSO, Ramón. El Dominio Episcopal Sobre el Territorio: competencias y recursos. **Brocar**, La Rioja, n. 40, p. 7-42, 2016. Disponível em: <https://publicaciones.unirioja.es/ojs/index.php/brocar/article/view/3239>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BERNABÉ SÁNCHEZ, Estefanía. A Propósito del Concilio de Elvira (Siglo IV): el caso de las “Virgines Deo Sacratae”. **Signum**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 30-41, 2013. Disponível em: <http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/86/89>. Acesso em: 13 ago. 2023.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BLUMELL, Lincoln H. The Message and the Medium: Some Observations on Epistolary Communication in Late Antiquity. **Journal of Greco-Roman Christianity and Judaism**, Sheffield, v. 10, p. 24-67, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/8489254/_The_Message_and_the_Medium_Some_Observations_on_Epistolary_Communication_in_Late_Antiquity_Journal_of_Greco-Roman_Christianity_and_Judaism_10_2014_24_67. Acesso em: 13 ago. 2023.

BOCCACCINI, Gabriele. History of Judaism: its Periods in Antiquity. In: NEUSNER, Jacob (ed.). **Judaism in Late Antiquity**. Leiden: Brill, 1995, p. 285-309.

BOUBE, Emmanuelle. La mort lente du forum dans les villes des provinces hispaniques à la fin de l’Antiquité ou le symbole d’une société en cours de profonde mutation. In: BOUET, Alain (éd.). **Le forum en Gaule et dans les régions voisines**, textes réunis par Alain Bouet, Bordeaux: Ausonius éditions, 2012. p. 335-406. Mémoires 51.

BOWES, Kim. Un coterie espagnole pieuse': Christian Archaeology and Christian Communities in Fourth-and Fifth-Century Hispania. *In*: BOWES Kim; KULIKOWSKI, Michael (eds.). **Hispania in Late Antiquity**: current perspectives. Leiden: Brill, 2005. p. 189-258.

BOWES Kim; KULIKOWSKI, Michael (eds.). **Hispania in Late Antiquity**: current perspectives. Brill, 2005.

BOWES Kim; KULIKOWSKI, Michael. Introduction. *In*: BOWES Kim; KULIKOWSKI, Michael. (eds.). **Hispania in Late Antiquity**: current perspectives. Boston, Mass: Brill, 2005.

BOWMAN, Alan K. Diocletian and the first tetrarchy, AD 284-305. *In*: BOWMAN, Alan K; GARNSEY, Peter; CAMERON, Averil (eds.). **The Cambridge Ancient History**. 2. ed. Cambridge: University Press, 2005. p. 67-109. v. 12.

BRADBURY, Scott. Introduction. *In*: SEVERUS OF MINORCA. Letter on the Conversion of the Jews. Edited and translated by Scott Bradbury. Oxford: Clarendon Press, 1996. p. 1-79.

BRADBURY, Scott. The Jews of Spain, c. 235–638. *In*: KATS, Steven T. (ed.). **The Cambridge History of Judaism**. Cambridge: University Press, 2008. p. 508-518. v. 4.

BROWN, Peter. **The world of Late Antiquity**: from Marcus Aurelius to Muhammad. London: Thames and Hudson, 1971.

BURRUS, Virginia. **The Making of a Heretic Gender, Authority, and the Priscillianist Controversy**. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 1995.

CAMERON, Averil; GARNSEY, Peter (eds.). **The Cambridge Ancient History**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. v. 13.

CARRIÉ, Jean-Michel. Developments in Provincial and Local Administration. *In*: BOWMAN, Alan K; GARNSEY, Peter; CAMERON, Averil (eds.). **The Cambridge Ancient History**. 2. ed. Cambridge: University Press, 2005. p. 269–312. v. 12.

CARRIÉ, Jean-Michel. Século III, algumas reflexões para sair da “crise”. *In*: SILVA, Semíramis Corsi; Antikeira, Moisés (orgs.). **O Império Romano no Século III**: crises, transformações e mutações. São João de Meriti-RJ: Desalinho, 2021. p. 15-27.

CARVALHO JÚNIOR, Macário Lopes de. Os concílios de Elvira e Arles na configuração do Cristianismo Tardo-Antigo. 2010. 200 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/3745>. Acesso em: 15 ago. 2023.

CARVALHO JÚNIOR, Macário Lopes de. Concílios eclesiásticos no século IV: uma janela para a formação do cristianismo tardo-antigo. *In*: **XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – CONHECIMENTO HISTÓRICO E DIÁLOGO SOCIAL**, 2013, Natal. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História – Conhecimento histórico e diálogo social. Natal: ANPUH, 2013. p. 1-13. Disponível em:

http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364917081_ARQUIVO_concilios_no_cristianismo_tardo-antigo-comcorrecoes.pdf. Acesso em: 15 ago. 2023.

CARVALHO JUNIOR, Macário Lopes de. Gentios, judeus e hereges: os não cristãos nos concílios de Elvira (306) e Arles (314). *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, Vitória, n. 1, p. 54-70, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/romanitas/article/view/6253/4565>. Acesso em: 15 ago. 2023.

CARVALHO, Margarida Maria de. **Análise da legislação municipal do Imperador Juliano: cúrias e decuriões**. 1995. 204 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

CARVALHO, Margarida Maria de. Paidéia, retórica e uma nova abordagem sobre Contra Juliano de Gregório Nazianzeno. **Dimensões**, Vitória, v. 16, p. 189-201, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2653/2138>. Acesso em: 15 ago. 2023.

CARVALHO, Margarida Maria de. **Paideia e Retórica no século VI d. C: a construção da imagem do Imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno**. São Paulo: Annablume, 2010.

CARVALHO, Margarida Maria de; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Os avanços da História Antiga no Brasil: algumas ponderações. **História (São Paulo)**, Franca-SP, v. 26, n. 1, p. 14-19, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/D6sYjtHTtKfs6zXHK45DgML/>. Acesso em: 24 ago. 2023.

CASCIO, Elio Lo. The New State of Diocletian and Constantine: From the Tetrarchy to the Reunification of the Empire. In: BOWMAN, Alan K; GARNSEY, Peter; CAMERON, Averil (eds.). **The Cambridge Ancient History**. 2. ed. Cambridge: University Press, 2005. p. 170-183. v. 12.

COMA FORT, José María. **Codex Theodosianus: historia de un texto**. Madrid: Editorial Dykinson, 2014.

COMITRE, Diogo. **A conversão do reino visigodo ao catolicismo e a legislação antijudaica: um exame dos concílios entre os séculos IV e VII**. 2013. 134 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30012014-100621/publico/2013_DiogoComitre.pdf. Acesso em: 15 ago. 2023.

CUESTA FERNÁNDEZ, Jorge. La divinidad del emperador romano y la sacralización del poder imperial en las *Historiae Adversus Paganos* de Paulo Orosio. Sobre Domiciano (Oros. Hist. VII, 10, 5) y Augusto (Oros. Hist. VI, 20). **ARYS. Antigüedad: Religiones y Sociedades**, Madrid, v. 12, p. 367-394, 2014. Disponível em: <https://e-revistas.uc3m.es/index.php/ARYS/article/view/2924>. Acesso em: 15 ago. 2023.

CUESTA FERNÁNDEZ, Jorge. La Imagen del Emperador Malo y del Perseguidor Anticristiano en las *Historiae Adversus Paganos* de Paulo Orosio. Un Estudio Comparativo. **Antesteria. Debates de Historia Antigua**, Madrid, v. 4, p. 279-296, 2015. Disponível em: <https://www.ucm.es/data/cont/docs/106-2016-05-03-19.Cuesta.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

CURCHIN, Leonard. **The Local Magistrates of Roman Spain**. University of Toronto Press, 1990.

CURCHIN, Leonard A. The Role of Civic Leaders in Late Antique Hispania. **Studia historica: Historia antigua**, Salamanca, v. 32, p. 281–304, 2014. Disponível em: https://gredos.usal.es/bitstream/handle/10366/129260/El_papel_de_los_lideres_civicos_en_Hi spa.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 14 ago. 2023.

DEY, Hendrik. Privileged Cities: Provincial, Regional and Imperial Capitals. **Antiquité tardive: revue Internationale d’histoire et d’archéologie**, n. 26, p. 163-195, 2018.

DIARTE-BLASCO, Pilar. **Late Antique and Early Medieval Hispania: Landscapes without Strategy?** Oxford: Oxbow Books, 2018.

DÍAZ-MARTÍNEZ, Pablo de la Cruz. City and Territory in Hispania in Late Antiquity. In: BROGIOLO, Gian Pietro; GAUTHIER, Nancy; CHRISTIE, Neil (eds.). **Towns and Their Territories between Late Antiquity and the Early Middle Ages**. Brill, 2000. P. 3-35.

DOODS, Eric Robertson. **Paganos y Cristianos en una Época de Angustia: Algunos Aspectos de la Experiencia Religiosa Desde Marco Aurelio a Constantino**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1975.

DRIJVERS, Jan Willem. The culture of imperial leadership in Late Antiquity. In: **SHIFTING FRONTIERS IX: SHIFTING POLITICAL FRONTIERS IN LATE ANTIQUITY**, 2011, Pensilvânia. Palestra proferida na Universidade da Pensilvânia, 2011. p. 1-14.

ESCRIBANO PAÑO, María Victoria. Intolerancia Religiosa y Marginación Geográfica en el S. IV d.c.: Los Exílios de Eunomio de Cízico. **Stud, hist, Hg antig.**, Salamanca, n. 21, p. 177-207, 2003. Disponível em: <https://gredos.usal.es/handle/10366/73709>. Acesso em: 24 ago. 2023.

ESCRIBANO PAÑO, María Victoria. Intolerancia Religiosa y Marginación Geográfica en el S. IV d.c.: Los Exílios de Eunomio de Cízico. **Stud, hist, Hg antig.**, Salamanca, n. 21, p. 177-207, 2003. Disponível em: <https://gredos.usal.es/handle/10366/73709>. Acesso em: 15 ago. 2023.

ESCRIBANO PAÑO, María Victoria. Heresy and Orthodoxy in Fourth-Century Hispania: Arianism and Priscillianism. In: BOWES Kim; KULIKOWSKI, Michael (eds.). **Hispania in Late Antiquity: current perspectives**. Leiden: Brill, 2005. p. 121-149.

ESCRIBANO PAÑO, María Victoria. Las leyes contra los heréticos bajo la dinastía teodosiana (379-455) y su efectiva aplicación. **Mainake**, n. 31, p. 95-113, 2009.

ESCRIBANO PAÑO, María Victoria. Cristianos y judíos: separados por la ley (CTh III, 7,2 = IX, 7,5. 388). **Páginas**. Revista Digital de la Escuela de Historia Facultad de Humanidades y Artes. Universidad Nacional de Rosario, Rosario, v. 3, n. 1, p. 31-51, 2011. Disponível em: <https://revistapaginas.unr.edu.ar/index.php/RevPaginas/article/view/120/120>. Acesso em: 15 ago. 2023.

ESCRIBANO PAÑO, María Victoria. Emperadores y leyes en época teodosiana (Codex Theodosianus 16, 5, De Haereticis). In: ESCRIBANO PAÑO, María Victoria; TESTA, Rita Lizzi (ed.). **Política, religión y legislación en el Imperio Romano (ss. IV y V d.C.)**. Bari: Edipuglia, 2014. p. 61-82.

ESCRIBANO PAÑO, María Victoria. Fronteras religiosas en Codex Theodosianus XVI: normativa y retórica. **Frontiere della romanità nel mondo tardo antico**, p. 39-64, 2016.

ESCRIBANO PAÑO, María Victoria. Las posesiones de los heréticos en Codex Theodosianus XVI: la normativa. **Atti dell'Accademia romanistica costantiniana**, n. 23, p. 703-735, 2019.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. New York: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research**. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2008.

FEAR, A. T. Introduction. In: OROSIUS. **Seven Books of History against the Pagans**. Translated with an introduction and notes by A. T. Fear. Liverpool: University Press, 2010. p. 1-30. (Translated Texts for Historians, 54).

FELDMAN, Sergio Alberto. **Perspectivas da unidade político-religiosa no reino hispano visigodo de Toledo**: as obras de Isidoro de Sevilha e a questão judaica. 2004. 307 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/33173>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FELDMAN, Sergio Alberto. Judeus na Antiguidade Tardia: a construção da alteridade sob Agostinho. **Dimensões**, Vitória, v. 25, p. 131-147, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2547/2043>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FERNÁNDEZ UBIÑA, José. Los orígenes del cristianismo hispano. Algunas claves sociológicas. **Hispania Sacra**, Madrid, v. 59, n. 120, p. 427-458, 2007. Disponível em: <https://hispaniasacra.revistas.csic.es/index.php/hispaniasacra/article/view/36/36>. Acesso em: 13 ago. 2023.

FRIGHETTO, Renan. Algunas consideraciones sobre las construcciones teóricas de la centralización del poder político en la Antigüedad Tardía: Cristianismo, tradición y poder imperial. In: CORTÍ, Paola; MORENO, Rodrigo; WIDOW, José Luís. **Historia**: entre el pesimismo y la esperanza. Viña del Mar: Ediciones Altazor, 2007. p. 298-309.

FRIGHETTO, Renan. Religião e política na Antiguidade Tardia: os godos entre o arianismo e o paganismo no século IV. **Dimensões**, Vitória-ES, v. 25, p. 114-130, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2546/2042>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FRIGHETTO, Renan. “Hispania” visigoda (séculos VI–VII) e a Antiguidade Tardia: algumas considerações. **Revista Territórios e Fronteiras**, Cuiabá-MT, v. 6, n. 1, p. 63–96, 2013. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/view/193>. Acesso em: 24 ago. 2023.

FRIGHETTO, Renan. Da teoria à prática política: o exercício do poder na Antiguidade Tardia. **Rev. História Helikon**, Curitiba, v. 2, n. 2, p.16-36, 2º semestre. 2014. Disponível em: <https://guiamedieval.webhostusp.sti.usp.br/da-teoria-a-pratica-politica-o-exercicio-do-poder-na-a-antiguidade-tardia/>. Acesso em: 14 ago. 2023.

FRIGHETTO, Renan. Do Imperium ao Regnum na Antiguidade Tardia: o exemplo do reino hispano-visigodo de Toledo (séculos VI-VII). **História (São Paulo)**, Franca-SP, v. 35, p. 1-22, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/bJDz8qcGBMyt3nTzXvWvYbB/>. Acesso em: 24 ago. 2023.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Antiguidade Clássica**. A história e a cultura a partir dos documentos. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

GALANTE, Márcio Augusto. **Os dois saques de Roma**: romanos e bárbaros na *Historiae Adversus Paganos* de Orósio. 2019. 112 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2019. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/4588>. Acesso em: 15 ago. 2023.

GIBBON, Edward. **The History of Decline and Fall of the Roman Empire**. 2. ed. [S. l.]: W. Straham, 1781.

GONZÁLEZ SALINERO, Raúl. Los judíos y la gran propiedad en la Hispania tardo antigua: el reflejo de una realidad en la *Passio Manti*. **Gerión. Revista de Historia Antigua**, Madrid, n. 16, p. 437-450, 1998. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=101320>. Acesso em: 13 ago. 2023.

GONZÁLEZ SALINERO, Raúl. La exclusión social de los judíos en el Imperio cristiano (ss. IV-V). **Ilu. Revista de Ciencias de las Religiones**, Madrid, n. 4, p. 103-113, 1999. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=188011>. Acesso em: 13 ago. 2023.

GONZÁLEZ SALINERO, Raúl. Relaciones sociales y dependencia religiosa en la comunidad judía de Mahón (Menorca) a principios del siglo V. **ARYS. Antigüedad: Religiones y Sociedades**, Madrid, n. 3, p. 267-277, 2000. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/60638918.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2023.

GONZÁLEZ SALINERO, Raúl. La polémica antijudía en la Hispania tardoantigua y visigoda: resultados y perspectivas de una línea de investigación consolidada. **Mainake**, Málaga, n. 31, p. 123-129, 2009. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3283501>. Acesso em: 13 ago. 2023.

GRASSI, Marie-Claire. La lettre: approche méthodologique. In: SOHN, Anne-Marie (org.). **La correspondance: un document pour l'Histoire**. Rouen: Publications de l'Université de Rouen, 2002. p. 73-81.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **História Antiga**. São Paulo: Contexto, 2013.

HARRIES, Jill. Introduction. The Background to the Code. *In*: HARRIES, Jill; WOOD, Ian (eds.). **The Theodosian Code: Studies in the Imperial Law of Late Antiquity**. London: Gerald Duckworth & Co. Ltd., 1993. p. 1-16.

HARRIES, Jill. Resolving Disputes: The Frontiers of Law in Late Antiquity. *In*: MATHISEN, Ralph W. (ed.). **Law, Society, and Authority in Late Antiquity**. Oxford: Oxford University Press, 2001. p. 68-82.

HARRIES, Jill. **Law and Empire in Late Antiquity**. Cambridge: University Press, 2004.

HARRIES, Jill. The Return of the Old Gods. *In*: HARRIES, Jill. **The Edinburgh History of Ancient Rome**. Imperial Rome AD 284 to 363: The New Empire. Edinburgh: University Press, 2012. p. 80-105.

HARRIES, Jill; WOOD, Ian. **The Theodosian Code: Studies in the Imperial Law of Late Antiquity**. Duckworth, 1993.

HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

HEATHER, Peter. **The Fall of the Roman Empire: A New History of Rome and the Barbarians**. New York: Oxford, 2005.

HERMANOWICZ, Erika T. Textual Adventures: A Brief History of the Theodosian Code. **The Classical Outlook**, Oxford, v. 79, n. 3, p. 97-103, Spring. 2002.

HOPE, Valerie. Essay Three. The city of Rome: capital and symbol. *In*: HUSKINSON, Janet (ed.). **Experiencing Rome: Culture, Identity and Power in the Roman Empire**. London: Routledge, 2000, p. 63-94.

HUMFRESS, Caroline. **Orthodoxy and the Courts in Late Antiquity**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HUMPHRIES, Mark. Christianity and Paganism in the Roman Empire, 250–450 ce. *In*: LOSSL, Josef; BAKER-BRIAN, Nicholas (eds.). **A companion to religion in late antiquity**. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2018.

HUSKINSON, Janet. Essay One: Looking for culture, identity and power. *In*: HUSKINSON, Janet (ed.). **Experiencing Rome: Culture, Identity and Power in the Roman Empire**. London: Routledge, 2000a. p. 3-28.

HUSKINSON, Janet (ed.). **Experiencing Rome: Culture, Identity and Power in the Roman Empire**. London: Routledge, 2000b.

JONES, Arnold Hugh Martin. **The later Roman Empire**. University of Oklahoma Press, 1964. v. I.

KRAEMER, Ross Shepard. **The Mediterranean Diaspora in Late Antiquity: What Christianity Cost the Jews**. New York: Oxford University Press, 2020.

KULIKOWSKI, Michael. Nation versus Army: A Necessary Contrast. *In*: GILLETT, Andrew (ed.). **On Barbarian Identity**: Critical Approaches to Ethnicity in the Early Middle Ages. Turnhout and Belgium: Brepols, 2002. p. 69–85.

KULIKOWSKI, Michael. **Late Roman Spain and Its Cities**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2004.

KULIKOWSKI, Michael. Cities and Government in Late Antique Hispania: Recent Advances and Future Research. *In*: BOWES Kim; KULIKOWSKI, Michael (eds.). **Hispania in Late Antiquity**: current perspectives. Leiden: Brill, 2005. p. 31-70.

KULIKOWSKI, Michael. Ethnicity, Rulership, and Early Medieval Frontiers. *In*: CURTA, Florin (ed.). **Borders, Barriers, and Ethnogenesis**: Frontiers in Late Antiquity and the Middle Ages. Turnhout: Brepols, 2006. p. 247-254.

KULIKOWSKI, Michael. Drawing a Line Under Antiquity: Archaeological and Historical Categories of Evidence in the Transition from the Ancient World to the Middle Ages. *In*: CHAZELLE, Celia; LIFSHITZ, Felice (eds.). **Paradigms and Methods in Early Medieval Studies**. New York: Palgrave Macmillan, 2007. p. 171-184.

LAMAS NOYA, Francisco José. Orosio y las herejías hispanas: el Priscilianismo y el Origenismo (Introducción biográfica y breve análisis del Conmonitorio). **Anuario Brigantino**, Betanzos, n. 36, p. 79-107, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4869658>. Acesso em: 13 ago. 2023.

LAMAS NOYA, Francisco José. Orosio y las herejías hispanas: el Priscilianismo y el Origenismo (Introducción biográfica y breve análisis del Conmonitorio). **Anuario Brigantino**, Betanzos, n. 36, p. 79-107, 2013. Disponível em: https://anuariobrigantino.betanzos.net/AB2013PDF/079_108_lamas_noya_herejias_hispanicas_priscilianismo_orosio_Anuario_Brigantino_2013.pdf. Acesso em: 24 ago. 2023.

LÁZARO SÁNCHEZ, Miguel J. L'état actuel de la recherche sur le concile d'Elvire. **Revue des sciences religieuses**, Strasbourg, v. 4, n. 82, p. 517-546, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rsr/413>. Acesso em: 13 ago. 2023.

LORENZO DE SAN ROMÁN; Roberto; MORCILLO MARÍN, Javier. La basílica paleocristiana de Ilici (L'Alcúdia, Elche) Desmontaje, contextualización y restitución desde la reexcavación bibliográfica. **Madrider Mitteilungen**, Madri, n. 55, p. 486-559, 2014. Disponível em: <https://publications.dainst.org/journals/mm/article/view/2555>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MACHADO, Carlos Augusto Ribeiro. Antiguidade Tardia, a queda do Império Romano e o debate sobre “O Fim do Mundo Antigo”. **Revista de História**, São Paulo, n. 173, p. 81-114, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/105844/104540>. Acesso em: 12 ago. 2023.

MacMULLEN, Ramsay. **Voting About God in Early Church Councils**. London: Yale University Press, 2006.

MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Júlio Cesar. O conceito de Antiguidade Tardia e as transformações da cidade antiga: o caso da África do Norte. **Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade**, Campinas-SP, v. 12, n. 24, 2007, p. 123–135. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cpa/article/view/17191>. Acesso em: 24 ago. 2023.

MALHERBE, Abraham J. **Ancient epistolary theorists**. Atlanta: Scholars, 1988.

MARTÍNEZ CAVERO, Pedro. **El Pensamiento histórico y antropológico de Orosio**. Madrid: Universidade de Murcia, 2002.

MARTÍNEZ JIMÉNEZ, Javier; SASTRE DE DIEGO, Isaac; TEJERIZO GARCÍA, Carlos. **The Iberian Peninsula between 300 and 850: An Archaeological Perspective**. Amsterdam: University Press, 2018.

MARTINEZ, Diego Schneider. **Uma Releitura Cristã da História: a História Adversus Paganos de Orósio e a Teoria dos Quatro Impérios**. 2014. 98 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/35798>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MARTINS, Adailton Luís. Gibbon - um historiador. In: SILVA, Glaydson José da; CARVALHO, Alexandre Galvão (orgs.). **Como se escreve a história da antiguidade: olhares sobre o antigo**. São Paulo: UNIFESP, 2020. p. 17-28.

MATTHEWS, John F. **Laying Down the Law: a study of the Theodosian Code**. New York: Yale University Press, 2000.

MESEGUER GIL, Antonio José. La obra histórica de Paulo Orosio y sus diferencias con Agustín de Hipona: Transmisión de conceptos historiográficos en la Antigüedad Tardía. **Revista Onoba**, Huelva, n. 5, p. 89-101, 2017. Disponível em: <https://rabida.uhu.es/dspace/bitstream/handle/10272/13913/La-obra.pdf?sequence=2>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MILES, Richard. Introduction: constructing identities in late antiquity. In: MILES, Richard (ed.). **Constructing identities in Late Antiquity**. London and New York: Routledge, 1999. p. 1-15.

MILES, Richard. Essay Two: Communicating culture, identity and power. In: HUSKINSON, Janet (ed.). **Experiencing Rome: Culture, Identity and Power in the Roman Empire**. London: Routledge, 2000. p. 29-62.

MILLER, Maureen C. **The Bishop's Palace: Architecture & Authority in Medieval Italy**. Ithaca: Cornell University Press, 2000.

NOY, David. Jews in the western Roman Empire in Late Antiquity: migration, integration, separation. **Veleia**, Vitoria-Gasteiz, v. 30, p. 169-177, 2013. Disponível em: <https://addi.ehu.es/bitstream/handle/10810/37245/11220-48955-1-PB.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 ago. 2023.

NUMHAUSER, Alexander Bar-Magen. **Judaísmo y los judíos en la arqueología de la Antigüedad Tardía y la Alta Edad Media**. 2011. 210 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Curso de Arqueologia, Departamento de Prehistoria y Arqueología, Facultad de Filosofía y Letras da Universidad Autonoma de Madrid, Madrid, 2011.

OLIVEIRA, Julio César Magalhães de. Le peuple et le gouvernement des cités (IVe-VIe siècles). **Antiquité tardive**: revue Internationale d'histoire et d'archéologie, n. 26, p. 23-49, 2018.

ORFILA PONS, Margarita. Las Baleares durante el bajo imperio y la antigüedad tardía. In: **Historia de las islas baleares**: las baleares en época romana y tardoantigua. Palma de Mallorca: Rey sol, 2006. p. 209 -249.

PANZRAM, Sabine. Proclamo quod ego synagogam incenderim... – Ambrosio de Milán, Severo de Menorca y el incendio de las sinagogas de Calínico (388) y Magona (418). In: MARCO SIMÓN, Francisco; PINA POLO, Francisco; REMESAL RODRÍGUEZ, José. (eds.). **Vae victis! Perdedores en el mundo antiguo**. Barcelona: Col·lecció INSTRUMENTA, 2012. p. 245-260.

PANZRAM, Sabine. La formación del orden metropolitano en la Península Ibérica (siglos IV a VI). **Pyrenae**: revista de prehistòria i antiguitat de la Mediterrània Occidental, Barcelona, v. 49, n. 1, p. 125-154, 2018. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Pyrenae/article/view/335648/426460>. Acesso em: 15 ago. 2023.

PANZRAM, Sabine (ed.). **The Power of Cities**: The Iberian Peninsula from Late Antiquity to the Early Modern Period. Leiden and Boston: Brill, 2019.

PAPA, Helena Amália. **A autoafirmação de um Bispo**: Gregório de Nissa e sua visão condenatória aos Eunomianos (360-394 d.C.). 2014. 220 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/126330>. Acesso em: 24 ago. 2023.

PHARR, Clyde. Commentaries. In: **The Theodosian Code and Novels and The Sirmondian Constitutions**. A Translation with Commentary, Glossary, and Bibliography by Clyde Pharr. In Collaboration with Theresa Sherrer Davidson and Mary Brown Pharr. With an Introduction by C. Dickerman Williams. New York: Greenwood Press Publishers, 1952.

POHLMANN, Janira Feliciano. A construção da heresia priscilianista por Sulpício Severo e Idácio de Chaves (séculos IV e V d. C.). In: CARLAN, Cláudio Umpierre; FUNARI, Pedro Paulo Abreu; SOUZA, Ricardo Luiz de (orgs.). **História Ibérica**: ensino, pesquisa e potencialidades. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 165-186.

RAPP, Claudia. **Holy Bishops in Late Antiquity**: The Nature of Christian Leadership in an Age of Transition. 1st ed. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 2005.

RÉMOND, René. **Por Uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RIPOLL, Gisela. The Transformation of the City in Hispania between the 4th and the 6th Centuries Gisela Ripoll. *In*: PANZRAM, Sabine (ed.). **The Power of Cities**: The Iberian Peninsula from Late Antiquity to the Early Modern Period. Leiden and Boston: Brill, 2019. p. 39-83.

RODRIGUES, Nuno Simões. Paulo Orósio e o Património Mitológico da Antiguidade Clássica. **Lusitania Sacra**, Lisboa, v. 10, p. 17-54, 1998. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/lusitaniasacra/article/view/7564/7366>. Acesso em: 13 ago. 2023.

RODRIGUES, Nuno Simões. Os Judeus na Hispânia na Antiguidade. **Cadernos de Estudos Sefarditas**, Lisboa, n. 6, p. 9-34, 2006. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2975/1/CES_2006-006-00009-00034.pdf. Acesso em: 15 ago. 2023.

ROSENMEYER, Patricia A. **Ancient Epistolary Fictions**: The Letter in Greek Literature. Cambridge: University Press, 2003.

SALWAY, Richard William Benet. The publication of the Theodosian Code and transmission of its texts: some observations. *In*: CROGIEZ-PÉTREQUIN, Sylvie; JAILLETTE, Pierre (éds.). **Société, économie, administration dans le Code Théodosien**. Lille: Presses Universitaires du Septentrion, 2012. p. 21-61.

SÁNCHEZ SALOR, Eustáquio. Introducción General. *In*: OROSIO, Paulo. **Historias**. Libros I-IV. Traducción y notas de Eustaquio Sánchez Salor. Madrid: Editorial Gredos, 1982. p. 7-69. (Biblioteca Clásica Gredos, 53).

SILVA, Gilvan Ventura da. A Condenação dos Judaizantes nos Concílios Eclesiásticos do Século IV. **Phoînix**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 164-188, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/phoenix/article/view/33125/18579>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SILVA, Gilvan Ventura da. As relações entre o judaísmo e o cristianismo no Império Romano: uma nova interpretação a partir do paradigma culturalista. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 5, p. 58-70, 2010. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/175>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOTOMAYOR MURO, Manuel. Las actas del Concilio de Elvira. Estado de la cuestión. **Revista del Centro de Estudios Históricos de Granada y su Reino**, Granada, v. 2, n. 3, p. 35-67, 1989. Disponível em:

<https://granada.cehgr.es/granada/images/stories/revistas/CEHGR-003.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2023.

SOTOMAYOR MURO, Manuel. Romanos, pero cristianos: A propósito de algunos cánones del Concilio de Elvira. **Antigüedad y Cristianismo**, Murcia, n. 7, 1990. Disponível em: <https://revistas.um.es/ayc/article/view/61181/58931>. Acesso em: 13 ago. 2023.

SOTOMAYOR MURO, Manuel. Los cánones 1 y 59 del Concilio de Elvira: a propósito de un artículo de J. Vilella Masana. **Polis. Revista de ideas y formas políticas de la Antigüedad Clásica**, Alcalá, v. 19, p. 135-161, 2007. Disponível em: <https://ebuah.uah.es/dspace/handle/10017/9367>. Acesso em: 13 ago. 2023.

TESTA, Rita Lizzi. The Late Antique Bishop: Image and Reality. In: ROUSSEAU, Philip; RAITHEL, Jutta (eds.). **A Companion to Late Antiquity**. Blackwell Publishing, 2009. p. 525-538.

TOCH, Michael. **The Economic History of European Jews: Late Antiquity and Early Middle Ages**. Boston: Brill, 2013.

TRAPP, Michael B. **Greek and Latin letters: an anthology, with translation**. Cambridge Greek and Latin classics. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

TRAPP, Michael. The emperor's shadow: Julian in his correspondence. In: BAKER-BRIAN, Nicholas; TOUGHER, Shaun (eds.). **Emperor and author: the writings of Julian the Apostate**. Swansea: The Classical Press of Wales, 2012. p. 105-120.

UBRIC RABANEDA, Purificación. La organización de la Iglesia hispana en los siglos IV-V. **Mélanges de la Casa de Velázquez**, Madrid, v. 49, n. 2, p. 41-75, 2019. Disponível em: <https://digibug.ugr.es/bitstream/handle/10481/61988/mcv-10921.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 13 ago. 2023.

VALLIERE, Paul. **Conciliarism: a History of Decision-Making in the Church**. Cambridge: University Press, 2012.

VAN NUFFELEN, Peter. **Orosius and the Rhetoric of History**. Oxford: University Press, 2012.

VILLEGAS MARÍN, Raúl. Ciudad y territorio, ortodoxia y disidencia religiosa en el Imperio romano cristiano (siglos IV-V). *Gerión. Revista de Historia Antigua*, Madrid, v. 30, p. 263-291, 2012.

VIVES, José. Preámbulo. In: VIVES, José (org.). **Concilios Visigóticos e Hispano-Romanos**. Barcelona, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1963. p. vii-xi.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

APÊNDICE A - CATÁLOGO DO *CORPUS* DOCUMENTAL

Conjunto de documentações diretamente ligadas ao objeto

O Codex Theodosianus

<i>Código Teodosiano</i> , III, 7, 2.
Os Imperadores Valentiniano, Teodósio e Arcádio Augusto a Cinégio, Prefeito Pretoriano. Nenhum judeu deve receber uma mulher cristã em casamento, nem um homem cristão assumir um casamento com uma mulher judia. Pois, se qualquer pessoa cometer um ato desse tipo, o crime desse delito será considerado como equivalente a adultério e a liberdade de acusar será concedida também às vozes do público. Dado na véspera dos idos de março em Tessalônica, no ano do segundo consulado de Teodósio Augusto e do consulado do Nobre Cinégio. 14 de março de 388.
<i>Código Teodosiano</i> , XVI, 8, 9.
Os Imperadores Teodósio, Arcádio e Honório Augusto a Addeu, Conde e Mestre de ambos os ramos do Serviço Militar no Oriente. Está suficientemente estabelecido que a seita dos judeus não é proibida por nenhuma lei. Por isso, estamos gravemente perturbados que suas assembleias tenham sido proibidas em certos lugares. Vossa Sublime Magnitude, portanto, depois de receber esta ordem, coibirá com a devida severidade os excessos daquelas pessoas que, em nome da religião cristã, se atrevem a cometer certos atos ilícitos e tentam destruir e espoliar as sinagogas. Dado no terceiro dia antes das calendas de outubro em Constantinopla no ano do terceiro consulado de Teodósio Augusto e do consulado de Abundância. 29 de setembro de 393.
<i>Código Teodosiano</i> , XVI, 8, 12.
Os mesmos Augustos a Anatólio, Prefeito Pretoriano da Ilíria. Vossa Exaltada Autoridade ordenará que os governadores sejam notificados, para que saibam ao receber esta notificação que todos os insultos de pessoas que atacam os judeus serão evitados e que suas sinagogas permanecerão em sua habitual quietude. Dado no décimo quinto dia antes das calendas de julho em Constantinopla no ano do consulado de Cesário e Ático. 17 de junho de 397.

Código Teodosiano, XVI, 8, 20.

Os mesmos Augustos a Johannes, Prefeito Pretoriano.

Se parecer que algum lugar é frequentado por conventículos dos judeus e chamado pelo nome de sinagogas, ninguém ousará violar ou ocupar e manter esses lugares, pois todas as pessoas devem manter seus próprios bens em direito imperturbável, sem qualquer reivindicação de religião ou culto.

1. Além disso, uma vez que, de fato, o costume e a prática antigos preservaram para o supracitado povo judeu o dia consagrado do sábado, também decretamos que será proibido que qualquer homem da fé supracitada seja constrangido por qualquer convocação naquele dia, sob a pretexto de negócios públicos ou privados, já que todo o tempo restante parece suficiente para satisfazer as leis públicas, e porque é mais digno da moderação do nosso tempo que os privilégios concedidos não sejam violados, embora pareça ter sido feita provisão suficiente com referência ao assunto supracitado por constituições gerais de imperadores anteriores.

Dado no sétimo dia antes das calendas de agosto em Ravena no ano do nono consulado de Honório Augusto e o quinto consulado de Teodósio Augusto. 26 de julho de 412.

Código Teodosiano, XVI, 8, 25.

Os mesmos Augustos a Asclepiodoto, Prefeito Pretoriano.

É Nosso prazer que no futuro nenhuma sinagoga de todos os judeus seja indiscriminadamente tirada deles ou consumida pelo fogo, e que se, após a emissão desta lei, houver quaisquer sinagogas que por tentativa recente tenham sido assim apreendidas, reivindicadas para as igrejas, ou pelo menos consagrados aos veneráveis mistérios, os judeus serão concedidos como compensação por isso, lugares em que eles podem construir sinagogas proporcionais, é claro, às que foram tiradas.

I. Se forem retirados os ofertórios, serão restituídos aos ditos judeus se ainda não tiverem sido dedicados aos sagrados mistérios, mas se a consagração venerável não permitir a sua devolução, será pago um preço igual ao seu valor como compensação para eles.

II. No futuro, não serão construídas sinagogas, e as antigas permanecerão em sua condição atual.

Dado no décimo quinto dia antes das calendas de março em Constantinopla no ano do consulado de Asclepiodoto e Mariniano. 15 de fevereiro de 423.

Código Teodosiano, XVI, 8, 26.

Os mesmos Augustos a Asclepiodoto, Prefeito Pretoriano.

Conhecidos e publicados a todos os homens Nossos decretos e os de Nossos ancestrais por meio dos quais suprimimos o espírito e a audácia dos abomináveis pagãos, dos judeus também, e dos hereges. No entanto, de bom grado abraçamos a oportunidade de repetir a lei e é nossa vontade que os judeus saibam que, em resposta às suas súplicas lamentáveis, sancionamos apenas que aquelas pessoas que cometem muitos atos precipitados sob o pretexto do venerável cristianismo se abstenham de feri-los e persegui-los e que, de agora em diante, ninguém deve tomar ou queimar suas sinagogas. Não obstante, os próprios judeus serão punidos com a proscrição de seus bens e com o exílio vitalício, se for comprovado que circuncidaram um homem de nossa fé ou o mandaram circuncidar.

Dado no quinto dia antes dos idos de abril em Constantinopla no ano do consulado de Asclepiodoto e Mariniano. 9 de abril de 423.

Código Teodosiano, XVI, 8, 27.

Os mesmos Augustos a Asclepiodoto, Prefeito Pretoriano.

Nossos recentes decretos sobre os judeus e suas sinagogas permanecerão em pleno vigor, a saber, que não lhes será permitido construir novas sinagogas e que não temerão que as antigas lhes sejam tiradas. Mas eles saberão que todas outras proibições devem ser observadas no futuro, como declara a regra geral da constituição recentemente emitida.

Dado no sexto dia antes dos idos de junho em Constantinopla no ano do consulado de Asclepiodoto e Mariniano. 8 de junho de 423.

A Carta sobre a Conversão dos Judeus, escrita pelo bispo de Menorca

Carta sobre a Conversão dos Judeus, 3.

Agora, porém, Iamona ainda conserva o antigo dom de Deus de que os judeus nunca puderam habitar ali. Muitos tentaram-no imprudentemente. Contudo, como dizem os antigos: ou foram expulsos por uma doença que os atingiu inesperadamente, ou foram feitos perecer por uma morte súbita, ou foram mesmo cortados em pedaços por um raio. Tão notória é a propagação destes incidentes que assustou tanto os judeus que estes já não se

atrevem a tentar novamente. E não consideramos isso como inacreditável, uma vez que não há raposas, lobos, ou quaisquer outros animais nocivos, enquanto que há uma grande abundância de animais aptos para a alimentação. E é ainda mais surpreendente que as cobras e escorpiões estejam em grande abundância, mas perderam a sua capacidade de prejudicar. Portanto, enquanto nenhum judeu se aventura a viver em Iamona, mesmo que esteja apenas de passagem, e com razão, uma vez que, dada a sua ferocidade e malícia, os judeus são comparáveis a lobos e raposas. Magona estava a transbordar com tantos judeus como se fossem cobras e escorpiões, e por eles a igreja de Cristo era constantemente mortificada. Contudo, esse benefício carnal foi recentemente transformado num benefício espiritual, de modo que, como está escrito, essa geração de víboras, que se enfureceu com ataques venenosos, feridas subitamente pelo poder divino, expulsou o veneno da incredulidade.

Carta sobre a Conversão dos Judeus, 5.

Finalmente, de imediato, interrompemos também o nosso costume de cumprimentá-los. Não só cortamos o hábito de ter relações familiares, mas também o erro de uma antiga aparência de caridade foi transformado em ódio temporal pelo amor da salvação eterna. Em todos os lugares havia disputas sobre a lei com os judeus e em todas as casas havia disputas sobre a fé.

Carta sobre a Conversão dos Judeus, 6.

O povo dos judeus confiava principalmente na autoridade e habilidade de um certo Teodoro, que era a pessoa mais importante daquela cidade, não só entre os judeus, mas também entre os cristãos, por sua fortuna e seus cargos civis. Porque entre os judeus ele era doutor da lei e, para usar uma expressão própria, ele era o pai dos pais. Na cidade, ocupou todos os cargos municipais, foi defensor e atualmente é reconhecido como patrono do município.

Carta sobre a Conversão dos Judeus, 7.

Os judeus desejavam fortemente que Teodoro, em quem toda a sinagoga depositou a sua confiança, regressasse da ilha de Maiorca, a qual tinha ido para visitar suas propriedades. Depois de os judeus terem lhe enviado uma legação, Teodoro voltou. Pela sua autoridade

assustou muitos, mas apenas atenuou um pouco o fogo do conflito que logo se reacendeu com maior violência, de modo que mesmo na cidade vizinha a chama da fé foi acesa. E para que o provérbio de Salomão pudesse ser cumprido: “o irmão que ajuda o seu irmão será exaltado como uma cidade forte e sublime”, muitos servos de Cristo decidiram envolver-se nesta luta com toda a força do seu espírito, sem se pouparem ao cansaço da viagem.

Carta sobre a Conversão dos Judeus, 8.

O memorial, que anexamos a esta carta, mostra as armas que tínhamos à nossa disposição enquanto esperávamos o combate. Não o damos a conhecer com a intenção de vos ensinar algo, pois somos nós que precisamos de instrução e o esperamos de sua bem-aventurança, mas o fizemos para que possam apreciar o quão grande foi nossa preocupação, levando em consideração as possibilidades de nossa capacidade por causa do confronto que assumimos. Mas Cristo, cujo reino não se baseia em palavras, mas em força, sem que pronunciemos uma palavra, completou tudo e sem nenhum suor de batalha, concedeu ao seu exército a vitória, que ninguém ousou desejar ou poderia esperar. Os judeus, estimulados pelos exemplos do tempo dos Macabeus, estavam dispostos a morrer para defender seu patrimônio religioso. Desta forma, eles não só começaram a examinar os livros, mas também levaram paus, pedras, seixos e todos os tipos de projéteis para a sinagoga para repelir com força física, se a necessidade exigisse, as hostes de cristãos, equipados com o poder do Espírito Santo.

Carta sobre a Conversão dos Judeus, 10.

Há entre nós uma senhora devota e muito religiosa, chamada Teodora, que merece ser tomada como um tipo de Igreja, tanto pela virgindade do seu corpo como pela sua finalidade religiosa e também pelo significado do seu nome. Ela, numa visão noturna, viu como uma viúva muito nobre, que, não por causa dos meus méritos, mas pelo dom da bondade divina, exerceu o episcopado. Então, me enviou uma carta de súplica na qual me deu todas as suas terras, pedindo-me que as semeasse. Com um sonho semelhante, Cristo dignou-se a avisar-me, que sou o último dos pecadores, para ajustar a minha cintura para a sementeira. Outra viúva muito nobre, sobre a qual não há dúvida de que tinha o semblante da sinagoga, implorou-me insistentemente que eu pegasse seus campos de pousio e os cultivasse, uma vez que já tinha chegado o momento da sementeira. Quem é, então, esta segunda viúva mais nobre, se não aquela que, condenando impiedosamente Cristo, se

tornou cruelmente viúva? O significado de ambos os sonhos é o mesmo. Antes de terem decorrido cerca de trinta dias, e embora não tivéssemos conhecimento da sua interpretação, é bem conhecido que tínhamos comunicado os nossos sonhos aos irmãos.

Carta sobre a Conversão dos Judeus, 13.

Começamos a nos dirigir para a sinagoga e, pela grande alegria que nos inundou, cantamos um hino a Cristo pela praça. O salmo que, com admirável alegria, o povo dos judeus também cantava era este: “Sua memória desmorona estrondosamente: mas a misericórdia do Senhor permanece para sempre”. Mas, antes de chegarmos à sinagoga, algumas mulheres judias, creio que pela vontade de Deus, mostraram grande audácia, para excitar nossa mansidão: de uma altura começaram a atirar pedras enormes em nós. E mesmo caindo sobre uma multidão apertada, eles não só não machucaram nenhum de nós, como nem nos tocaram. Começaram a pegar pedras e, ignorando o grito do pastor, movidos por um único motivo, que é zelo por Cristo, ao invés de raiva, eles acreditavam que aqueles lobos com chifres atacariam. E, sem dúvida, tudo aconteceu por vontade daquele que é o único pastor verdadeiro e bom. Finalmente, para afastar toda suspeita de que ele havia concedido uma vitória sangrenta ao seu rebanho, nenhum judeu foi atingido pelas pedras e nem mesmo nenhum deles tentou maliciosamente fingir, como eles costumam fazer. No entanto, como devemos evitar qualquer aparência de falsidade, deve-se dizer que um dos cristãos, que queria se assemelhar a Acam, que estava sob as ordens de Josué e cobiçou os despojos destinados ao extermínio. Assim, o servo de um certo cristão, como ele próprio teve de confessar, não estava lá pelo amor de Cristo, mas por causa da pilhagem. Só ele, ao tentar arrancar algo da sinagoga, trouxe sobre si a pedra de tropeço. De fato, um dos nossos povos atirou uma pedra para ferir um judeu, mas tendo ferido a cabeça daquele criado, serviu-lhe de aviso para se lembrar de quem é a sua Cabeça, isto é, Cristo. E embora a ferida fosse inofensiva, ele teve de reconhecer a ganância do seu roubo, e todos foram avisados por tal punição para não fazerem o mesmo. Depois que os judeus se retiraram, tomamos a sinagoga sem ninguém, não direi que ele se apropriou de alguma coisa, mas que nada disso lhe ocorreu. O fogo consumiu a sinagoga com todos os seus objetos, exceto os livros e os bens. Para que os livros sagrados não fossem maltratados pelos judeus, nós os guardamos. Por outro lado, para que não nos acusassem de apropriação indevida, ou do ônus que havíamos inferido sobre eles, demos-lhes os bens.

Carta sobre a Conversão dos Judeus, 14.

Para o espanto dos judeus perante a destruição da sinagoga, dirigimo-nos à igreja cantando hinos, e enquanto agradecemos ao Autor da nossa vitória, suplicamos-lhe que desocupasse aqueles autênticos antros de incredulidade e que a infidelidade daqueles corações escuros fosse vencida pela luz.

Carta sobre a Conversão dos Judeus, 19.

No dia seguinte, quando Teodoro estava prestes a exortar seu povo e prepará-lo para aceitar a fé de Cristo, para seu pesar, teve que suportar um alvoroço dos judeus que o incitaram espontaneamente à conversão. Porque quase nenhum deles não manifestou ter experimentado abertamente o poder de Cristo. Pois bem, em sua assembleia, um jovem, primo de Teodoro, chamado Galileu, para que, como dissemos muitas vezes, o significado secreto dos eventos com os nomes apropriados pudesse ser mantido em segredo até o fim, com grande hostilidade começou a proclamar: “Chamo todos vocês a testemunhar que, em minha propriedade, não posso continuar sendo judeu, pois nela tenho coproprietários cristãos e, se quisesse permanecer no judaísmo, possivelmente pereceria por causa de seu ódio. Portanto, percebendo o perigo para a minha vida, irei imediatamente à igreja, para escapar da morte que está preparada para mim”. Galileu pensando que, declarando os motivos de sua conversão, assegurava a vida temporal, sem saber, estava dizendo a verdade sobre a vida do tempo futuro, em que não pensava nada. Inspirado por essas palavras, um homem honesto, e de reconhecida proeminência, não só entre os judeus, mas também na cidade, a ponto de ter acabado de ser eleito defensor da cidade, ou seja, Ceciliano, declarou que Galileu havia falado a verdade e que ele tinha razões semelhantes para temer a mesma coisa. Com suas palavras, ele causou tanta confiança no mencionado jovem que, à vista de todos, com uma corrida muito rápida, como se estivesse ganhando o troféu da fé, ele voou para o abrigo de nosso Galileu, e pediu à minha humilde pessoa para colocá-lo na lista com o seu nome. Por seu lado, Ceciliano, que era o pai dos judeus, depois de uma consulta mais descontraída com o irmão Floriano, também pai segundo as nossas notícias, começou a dirigir-se à sinagoga com estas palavras: “eu que, depois de Teodoro, sou chefe da sinagoga, ao contrário do jovem Galileu, não me decido e me expresso com tremor, mas a todos exorto, recomendo e proclamo que, abandonando o erro do mau caminho, se possível, todos nos juntemos a fé eclesiástica. Portanto, assim como Cristo não te atrai com tanto poder, e

por mais que você recuse tão grande salvação, não podemos fazer nenhuma violência a você, pela mesma razão eu e meu irmão Floriano, com toda nossa família, abandonando o escárnio de nossa religião, que não podemos mais seguir, aderimos aos cristãos e à sua fé, que, mesmo se servida por inúmeros testemunhos das escrituras, não só não te convenceria, Teodoro, que é o mais versado de todos, mas também de outros, se não for porque seguem a verdade que não pode ser derrotada”. Como soubemos, Ceciliano dirigiu-se ao seu povo com este tom, e recebemos com inefável alegria muitos judeus que, com ele, no mesmo dia abraçaram a fé de Cristo.

Carta sobre a Conversão dos Judeus, 30-31.

Ainda maior maravilha e grande alegria é o fato do povo judeu, há tanto tempo reduzido a solo improdutivo, poder contemplar, depois dos espinhos da incredulidade terem sido arrancados e a palavra recebida, a germinação de um fruto copioso de justiça, para o qual nos consolamos com a esperança de uma colheita tão abundante. Onde arrancamos uma selva densa de incredulidade, proliferam excelentes obras de fé. Os judeus começaram por demolir as fundações da sinagoga, e depois não só forneceram os subsídios para construir uma nova basílica, como também lhe emprestaram os seus ombros. Saiba, Vossa Beatitude, que todos estes acontecimentos começaram, com a força do Senhor nosso Jesus Cristo, no quarto dia antes das Nonas de Fevereiro e chegaram ao fim de oito dias, depois do décimo primeiro consulado do Senhor Honório e do segundo de Constâncio, homem ilustríssimo. Pelo que, se escutardes com compreensão as palavras deste indigno pecador, revesti-vos do zelo de Cristo contra os judeus, não para a sua condenação eterna, mas para a sua salvação. Porque talvez tenha chegado o tempo predito pelo Apóstolo, em que, tendo-se já convertido a totalidade dos gentios, todo o Israel se salvará um dia e, possivelmente, o Senhor quis acender esta faísca desde esta extremidade da terra, para que todo o globo terrestre arda no incêndio da caridade, para consumir a selva da infidelidade.

Conjunto de documentações indiretamente ligadas ao objeto

Livro VII da *História Contra os Pagãos* de Orósio

História Contra os Pagãos, VII, 3, 7-8

Depois disso, para citar as palavras de Cornélio Tácito: “Quando Augusto era um homem velho, as portas de Jano foram abertas e novos povos foram procurados nos confins da terra, às vezes com lucro e às vezes com perda. Isso continuou até o reinado de Vespasiano”. No entanto, quando naquele tempo a cidade de Jerusalém havia sido tomada e destruída, como os profetas haviam predito, e os judeus exterminados, Tito, que havia sido ordenado pelo julgamento de Deus para vingar o sangue do Senhor Jesus Cristo, fechou o templo de Janus em comemorar seu triunfo junto com seu pai, Vespasiano.

História Contra os Pagãos, VII, 4, 16-17.

Agora, desde o tempo após a paixão do Senhor que os judeus perseguiram com todas as suas forças, desastres incessantes rugiram ao redor deles até que, finalmente, esvaziados de toda a força e dispersos, eles faleceram. E é que Tibério, a pretexto do serviço militar, levou os jovens dos judeus para regiões de clima difícil; o resto desta cidade e aqueles que seguiam práticas semelhantes ele expulsou da cidade, exceto aqueles que renunciaram a seus ritos, condenando-os assim à servidão eterna. No entanto, doou-lhes as cidades da Ásia que haviam sido destruídas por aquele famoso terremoto, libertando-as de tributos e até dando-lhes generosamente algo

História Contra os Pagãos, VII, 5, 6-8.

Ao mesmo tempo, os judeus, que tinham sido justamente afligidos por desastres de todos os lados por causa do sofrimento de Cristo, foram mortos em um motim que irrompeu em Alexandria e os expulsou da cidade. Eles enviaram um certo Filo, sem dúvida um dos homens mais instruídos de seu tempo, como enviado a César para apresentar suas queixas diante dele. Mas Calígula, como odiava toda a humanidade, e especialmente os judeus, ignorou a embaixada de Filo e ordenou que todos os lugares sagrados dos judeus e, principalmente, o famoso santuário de Jerusalém fossem profanados pelos sacrifícios dos gentios, cheios de estátuas e ídolos, e que ele próprio seja adorado como um deus lá.

História Contra os Pagãos, VII, 6, 14.

Houve uma revolta tão grande em Jerusalém, nos dias dos pães ázimos, que se diz que trinta mil judeus foram pisoteados ou sufocados até a morte pelo povo amontoado nos portões, enquanto tentavam sair da cidade

História Contra os Pagãos, VII, 9, 2-6.

Pois, voltando um pouco no tempo em meu relato, os judeus, que, depois do sofrimento de Cristo, haviam perdido completamente a graça de Deus, ao serem assediados por problemas por todos os lados, foram seduzidos por certos oráculos no Monte Carmelo que previram que os chefes nascidos na Judeia seriam os governantes do mundo. Como eles acreditavam que o oráculo se aplicava a eles, eles explodiram em rebelião, aniquilando as guarnições romanas em sua região e derrotando o vice-governador da Síria quando ele veio com reforços, capturando sua águia e matando suas tropas. Vespasiano foi enviado por Nero para tratar desses assuntos. Entre seus tenentes, ele levou seu filho mais velho, Tito, e trouxe muitas legiões poderosas com ele para a Síria. Depois de ter capturado muitas das cidades dos judeus e sitiado-os em Jerusalém, onde eles se reuniram em grande número para o dia da festa, ao saber da morte de Nero, ele se declarou imperador, instado por um grande número de reis e governantes. Ele deu atenção especial às opiniões do líder judeu, Josefo, que na época era prisioneiro acorrentado e havia declarado firmemente, como Suetônio registra, que seria libertado imediatamente pelo mesmo homem que o havia capturado, mas então esse homem seria o imperador. Vespasiano deixou seu filho, Tito, no acampamento para supervisionar o cerco de Jerusalém, enquanto ele próprio partia para Roma via Alexandria; no entanto, ao saber da morte de Vitélio, ele permaneceu em Alexandria por um curto período. Tito esmagou os judeus em um grande e longo cerco. Ele finalmente rompeu as muralhas da cidade, embora não sem pesadas perdas entre seus homens, com motores e todos os outros dispositivos de guerra. No entanto, levou mais tempo e mais força para invadir as fortificações internas do templo, defendidas por uma massa de sacerdotes e líderes que para lá se retiraram. Quando finalmente estava em seu poder, ele observou sua construção hábil e antiga, e ponderou por um longo tempo se deveria queimá-lo, pois era um incitamento para os inimigos de Roma se rebelarem, ou se deveria preservá-lo como prova de seu triunfo. Mas como a Igreja de Deus estava surgindo em abundância em todo o mundo, Deus decidiu que este edifício agora estava exausto de dar à luz, vazio e sem nenhum bom propósito, deveria ser removido. Então Tito, depois de ser aclamado como um comandante vitorioso por suas tropas, disparou e demoliu o templo em Jerusalém

História Contra os Pagãos, VII, 12, 6-8.

Posteriormente, em uma revolta incrível, os judeus, enlouquecidos de raiva, irromperam em

tumultos em diferentes partes do mundo ao mesmo tempo. De fato, eles organizaram confrontos atrozes em toda a Líbia contra seus habitantes. Esta região, quando os seus habitantes foram então mortos, ficou tão despovoada que, se o imperador Adriano não tivesse posteriormente fundado colônias, reunindo aí colonos de outras paragens, teria ficado totalmente vazia, tendo os seus habitantes sido desenraizados tantos. Por outro lado, perturbaram todo o Egito, Cirene e Tebaida com revoltas sangrentas. Em Alexandria, no entanto, eles foram derrotados e aniquilados no combate que se seguiu. Também na Mesopotâmia, os rebeldes foram reprimidos com armas. A consequência foi que, por meio de execuções que se espalharam por toda parte, muitos milhares de judeus desapareceram. Também é verdade que destruíram Salamina, uma cidade em Chipre, matando todos os seus habitantes.

História Contra os Pagãos, VII, 13, 4-5.

Ele também finalmente exterminou e subjugou os judeus, que, despertados por problemas causados por seus próprios crimes, estavam naquele momento devastando a província da Palestina que outrora lhes pertencia. Desta forma, Adriano vingou os cristãos que os judeus, sob seu líder Cocheba, haviam torturado porque não se juntaram a eles na oposição a Roma. O imperador decretou que nenhum judeu pudesse entrar em Jerusalém e que apenas cristãos fossem permitidos na cidade. Ele reconstruiu suas paredes para sua antiga glória e a chamou de Aelia com seu próprio nome

História Contra os Pagãos, VII, 27, 6.

No Egito, o terceiro castigo trouxe consigo os mosquitos, ou seja, moscas pequenas e cruéis, como aquelas que, muitas vezes amontoadas em lugares imundos em pilhas vibrantes em pleno verão, costumam deslocar-se em ruidoso voo e introduzir eles mesmos com mordidas cruéis entre os cabelos dos homens e as crinas dos animais; aqui novamente, no tempo de Trajano, a terceira praga agitou os judeus, que, embora até agora tivessem permanecido, espalhados por todo o mundo, tão calmos que pareciam inexistentes, agora se levantaram com fúria repentina, lançando cruelmente eles mesmos em todo o mundo contra aqueles em cuja companhia viviam; e isso sem contar a enorme destruição produzida em muitas cidades que eram devastadas nessa época por frequentes terremotos

As Atas do Concílio de Elvira

Atas do Concílio de Elvira, c. 16.

Aos hereges que não queiram regressar à igreja católica, não poderão ter em matrimônio jovens católicas. Mas, decidiu-se que não haja matrimônio nem com judeus nem com hereges, porque não pode existir convivência alguma entre fiel e infiel. Se os pais agirem contra esta proibição, decidiu-se que se abstenham da comunhão por cinco anos.

Atas do Concílio de Elvira, c. 49.

Decidiu-se advertir aos proprietários que não permitam que os frutos que recebem de Deus sejam benditos por judeus, convertendo nossa benção em algo depreciável e sem efeito. Se alguém, depois da proibição, se atreve a fazê-lo, seja apartado totalmente da Igreja.

Atas do Concílio de Elvira, c. 50.

Se algum clérigo ou cristão come com judeus, concordou-se que se abstenha da comunhão, para que se emende.

Atas do Concílio de Elvira, c. 78.

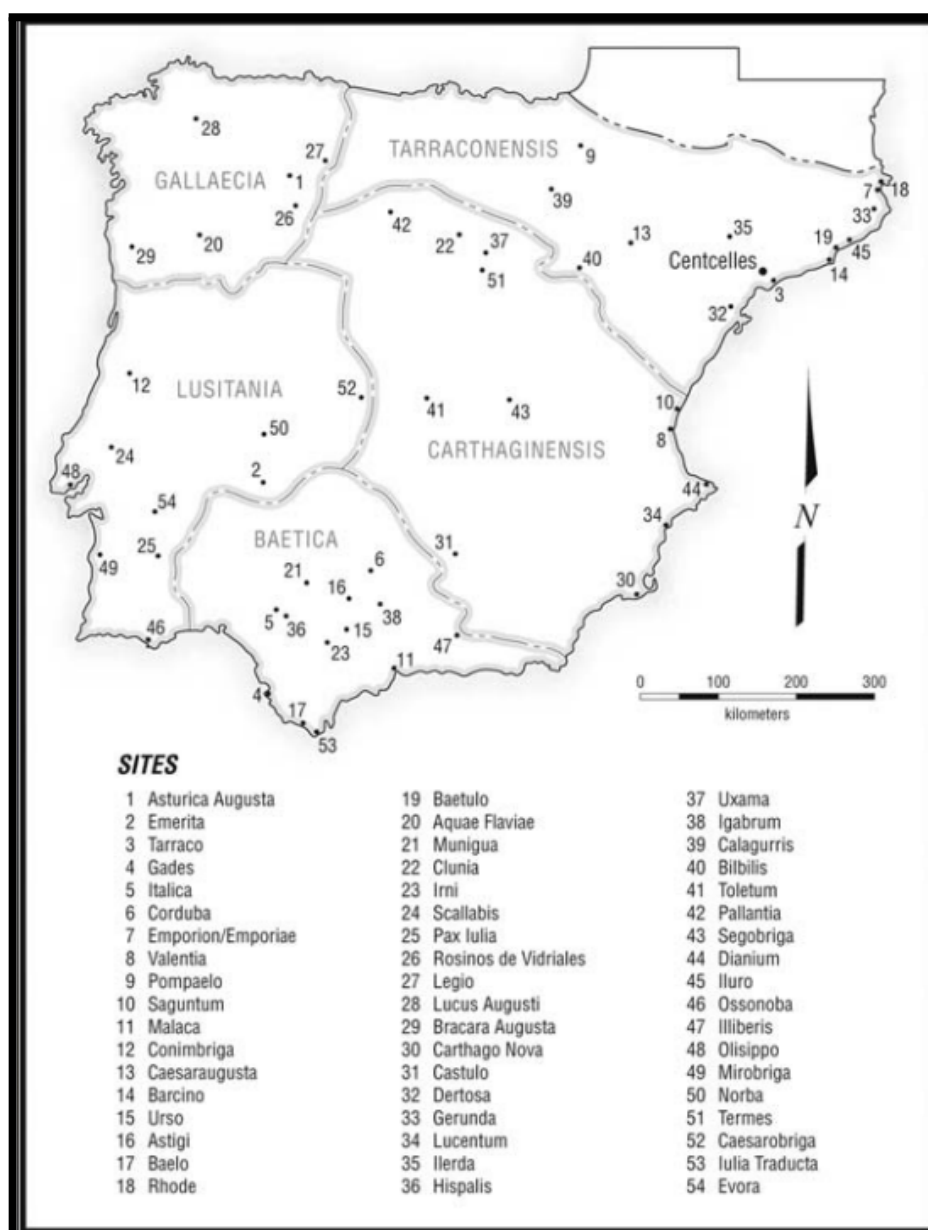
Se algum homem fiel casado cometer adultério com uma mulher judia ou pagã, ele será separado da comunhão, mas se for descoberto por acusação de outros, ele cumprirá cinco anos de penitência apropriada, após os quais poderá ser admitido novamente à comunhão do Senhor.

ANEXO A - FONTES UTILIZADAS POR PAULO ORÓSIO

MITO	FONTE POSSÍVEL	REF. ^a
Referência a Calipso ³⁴	Homero; Apolodoro; Plínio	I, 2
Lenda dos Telquines	Estrabão; Diodoro Sículo; Ovídio	I, 7
Referência a Ógigo, rei de Tebas	Pausânias	I, 7
Referência a Ápis, rei de Argos	Pausânias	I, 8
Lenda de Deucalião e Pirra	Ovídio; Apolodoro	I, 9
Lenda de Fáeton	Hesíodo; Pausânias; Apolodoro	I, 10
Lenda de Dánao, as Danaides e os Egípcios	Ésquilo; Apolodoro	I, 11
Lenda de Tereu e Procne	Pausânias; Apolodoro; Ovídio	I, 11
Referência a Perses	Hesíodo; Apolodoro	I, 11
Lendas de Tântalo, Pélops e Ganimedes	Homero; Pausânias; Apolodoro	I, 12
Referência a Cadmo e Perseu	Hesíodo; Homero; Heródoto; Paléfato	I, 12
Referência às Lémnias	Sófocles; Apolônio de Rodes	I, 12
Referência a Pandíon	Apolodoro; Pausânias	I, 12
Lenda dos Atridas	Homero; Pausânias; Apolodoro	I, 12
Referência ao ciclo de Tebas	Sófocles; Eurípides; Apolodoro; Pausânias	I, 12
Referência a Medeia	Eurípides; Apolodoro; Apolônio de Rodes	I, 12; VI, 17.
Lenda de Teseu e o Minotauro	Apolodoro; Pausânias	I, 13
Lenda dos Centauros	Apolodoro; Ovídio; Paléfato	I, 13
Lendas das Amazonas	Apolodoro; Pausânias	I, 2; I, 15
Referência ao ciclo de Tróia	Homero	I, 17
Referência a Encias e Dido	Homero; Virgílio; Justino	I, 18
Referência às viagens de Ulisses	Homero	I, 18
Lenda da Fundação de Roma	Tito Lívio; Dionísio de Halicarnasso; Plutarco; Virgílio	II, 2, 4
Narrativa do rapto das Sabinas	Dionísio de Halicarnasso	II, 4
Referência a Cresos	Heródoto	II, 6
Referência aos Ciclopes	Homero; Hesíodo; Apolodoro; Eurípides; Calímaco	II, 14
Lenda da Atlântida	Platão	II, 18
Alusão a Ártemis e a Ifigênia na Táurica	Eurípides; Apolodoro; Pausânias	V, 1
Alusão a Apolo e à serpente Píton	Pausânias, Ovídio	VI, 15
Alusão a Polimestor	Apolodoro; Pausânias	V, 1
Alusão ao mito de Éaco	Apolodoro; Pausânias; Ovídio	VII, 1
Lenda de Níno e Semíramis	Heródoto; Diodoro Sículo; Justino	I, 1; 4; II, 2; 3; 6; VII, 2

Fonte: RODRIGUES, Nuno Simões. Paulo Orósio e o patrimônio mitológico da Antiguidade Clássica. *Lusitania Sacra*, n. 2, v. 10, 1998, p. 24.

ANEXO B - MAPA DA PENÍNSULA IBÉRICA (SÉCULO IV)



Fonte: KULIKOWSKI, Michael. **Late Roman Spain and its cities**. The Johns Hopkins University Press, 2004, p. 22.